

REVISTA CASAGALERIA
EDIÇÃO ESPECIAL
NÚMERO 4 ANO III



CASAGALERIA
OFICINA DE ARTE
20 • ANOS

2004

casagaleria

2025



REVISTA
NÚMERO 4
ANO 3

Editorial: 20 anos de Casagaleria



O 20º aniversário da CasaGaleria é imediatamente testemunho de seu compromisso duradouro com a diversidade artística e com os artistas emergentes no complexo cenário do mercado de arte brasileiro, para quem o vivência ou lhe sabe as tantas nuances históricas e seus desafios típicos. Esse marco, celebrado na materialidade do próprio espaço de exposição e do acervo, mas igualmente nesta edição, oferece pois uma oportunidade para refletir sobre a jornada da galeria, os desafios que enfrentou desde o início e suas contribuições significativas para o cenário artístico em evolução no Brasil, onde a palavra deve ser celebração e fôlego renovado para o futuro. Duas décadas são metonímicas de uma vida adulta, uma persona já feita institucional na capital paulista nessas paredes e na malha coletiva de sua curadoria e artistas.

A Arte no Brasil testemunha transformação notável, evoluindo de uma esfera apenas dominada pela elite para um espaço crescentemente em luta para tornar-se mais acessível e democrático, onde desempenham papel crítico de resistência e capilarização as galerias intermediárias e a cena de artistas emergentes como as pontas de lança por excelência dessa dinâmica de contestação e abertura, onde cabe muito bem a alusão ao espírito canônico da vanguarda, nas lutas do presente para a história contada no futuro. Esse espírito de mudança se reflete no ethos de própria concepção da CasaGaleria, ao defender consistentemente e em primazia, artistas emergentes e diversas estéticas artísticas. O compromisso se alinha tanto em forma quanto substância à tendência mais ampla de democratização e acessibilidade no mundo da arte brasileiro, onde é força coesiva sua curadoria e gestão.

O mercado de arte brasileiro enfrenta igualmente, porém, desafios únicos, e globalmente há um contexto de nuances que se refletem domesticamente. Em 2023 na macroesfera de comércio de arte e leilões, houve vendas de coleções privadas, mas foram muito menos prestigiadas e muito menos bem-sucedidas do que as do ano anterior. Grandes lotes de leilões de alto padrão que estavam ausentes em 2023 (em um total de 763.000 lotes vendidos) representaram uma perda de \$1,46 bilhão em comparação com 2022. Se no mercado de colecionismo e grandes conglomerados de





Obra de Ana Luiza Kalaydjian

artistas consolidados essa dinâmica se espalhou, no aparato e tessitura das galerias, ela foi ainda mais agressiva. Depois de uma forte recuperação após a pandemia, as vendas do mercado de arte internacional desaceleraram em 2023, caindo 4%, para US\$ 65 bilhões em um cenário de aceleradas novas tensões geopolíticas com novos conflitos armados e oscilações de mercado. No caso Brasileiro muitas das dinâmicas e desafios da arte podem ser sintetizadas ainda na antiga dicotomia da arte no Brasil e do Brasil. A continuidade e esforço de galerias plurais, intermediárias e novos artistas é uma persistência ainda mais exponencial desse cenário de grandes atores, comodificação, somas bilionárias e conglomerados comerciais centralizadores em um contexto de crescente oligopólio informacional, e vem ela mesma com mensagens únicas.

A instabilidade econômica, as taxas de câmbio flutuantes e a redução de incentivos fiscais e públicos para fomento e o mercado de arte apresentam obstáculos bem conhecidos ao crescimento, se voltamos nosso olhar ao contexto doméstico.

Embora a despeito dessas nuances, a participação do Brasil no mercado global de arte esteja bravamente crescendo, ela permanece modesta, representando aproximadamente 1,5% a 2% das vendas nas porcentagens mencionadas, em comparação com os principais centros globais de arte, restringindo o volume de transações e inibindo a ascensão do Brasil ao nível superior do mercado global. Embora a integração de temas sociais e políticos na arte possa ser poderosa, a tendência do mercado de capitalizar em tendências pode levar à apropriação superficial de tais temas, potencialmente diminuindo sua profundidade e impacto enquanto prioriza o lucro. Flutuações na economia brasileira, incluindo a volatilidade da taxa de câmbio, representam desafios para um mercado que depende da estabilidade financeira para transações domésticas e internacionais para além de suas próprias tendências nativas de colocá-lo em local secundário na economia.

Se nisso se reflete um desafio, ele espelha igualmente, imenso potencial, onde de fato deve prevalecer o otimismo de um crescimento real de volume transacional e projeções, queria-se lento. Enraizada em uma rica mistura cultural de influências indígenas, africanas, europeias e asiáticas, a arte brasileira oferece uma perspectiva única. Essa diversidade é ainda mais enriquecida por um contexto histórico de resistência e engajamento crítico com as normas sociais, imbuindo a arte brasileira de uma voz poderosa no cenário internacional, que lhe é tão digna.

Apesar desses desafios não apenas tipicamente estruturais mas agora até mesmo públicos na escassez de estímulos e até geopoliticamente globais, a dedicação da CasaGaleria à diversidade artística ressoa com as características únicas da própria arte contemporânea brasileira; nutrir e promover artistas emergentes é crucial nesse contexto e uma força por excelência voltada ao



Exposição: *E a memória insiste*
Leila Reinert/ Funarte, 2021



Obra fotográfica de Leila Reinert

futuro e a uma compreensão genuína do presente. As fontes destacam o crescente reconhecimento de artistas brasileiros no mercado global de arte¹ e o compromisso da CasaGaleria em apoiar talentos emergentes contribui para esse reconhecimento crescente, fomentando uma paisagem artística vibrante e em evolução no Brasil, em São Paulo e igualmente agora, com canais de comunicação institucional e vendas, na Europa e nos Estados Unidos por meio de plataformas reconhecidamente globais de galerias selecionadas.

Navegar pelas complexidades do mercado de arte, particularmente em relação à apropriação de temas sociais e políticos, é um ponto crítico de discussão no presente; muito embora a integração de temas sociais e políticos na arte possa aumentar a conscientização e o engajamento, há o risco de superficialidade e o potencial de que esses temas sejam despolitizados para ganho comercial.

Essa preocupação é particularmente relevante no contexto de um mercado de arte cada vez mais digital e globalizado, onde pautas podem ser rapidamente amplificadas e comodificadas em tendências rapidamente apropriadas, testadas e então descartadas, onde a complexidade discursiva no seio sócio-político brasileiro e sua percepção externa de exotismo lançam mão de uma tentação ainda mais nítida. Manter a autenticidade e a profundidade das expressões artísticas, a autoralidade genuína de cada poética dos artistas, ao mesmo tempo em que se navega pelas dinâmicas de um mercado de arte globalizado, é crucial para garantir a sustentabilidade e o impacto a longo prazo da missão da galeria e sua alma tão única, como vem sido feito.

O 20º aniversário da CasaGaleria serve para além de quaisquer análises, porém, como uma oportunidade para celebrar conquistas já consolidadas e atestadas nessas duas décadas de história, ao mesmo tempo em que reflete a si mesma como personagem madura, que viveu e vive a dinâmica evolução do mercado de arte brasileiro e global. Ao continuamente defender a diversidade artística e a nutrir talentos emergentes, ao mesmo tempo em que se envolve sob postura crítica e ativa para com as forças de mercado, a CasaGaleria continuará a desempenhar um papel vital na formação de uma paisagem artística vibrante e significativa no Brasil.

A metáfora de uma “casa”, captura efetivamente o duplo papel da galeria como um santuário e um local de exploração para artistas e entusiastas da arte. Essa metáfora ressoa particularmente bem no contexto desse complexo mercado de arte brasileiro, onde a CasaGaleria tem consistentemente fornecido um espaço seguro para a expressão artística e uma plataforma para descobrir novas perspectivas por duas décadas. Batizada de CasaGaleria por Loly Demercian em sua fundação por conta de um contraste com o ambiente tipicamente mais restrito da fisiologia urbana de apartamento, onde sempre

1- O Crescimento Econômico do Brasil e Sua Participação no Mercado Global de Artes Visuais
Por LFTM Marketing | 3 de outubro de 2024. Série “Série “Assim é... se lhe parece...” – Nelson Leirner – 2010

Editorial: 20 anos de Casagaleria



morou, e passando pelo trajeto cotidiano que fazia para ir e voltar do Belas Artes, Loly igualmente se referia a galeria como uma espécie de segunda morada: quando perguntavam onde estava, instintivamente Loly apenas respondia “estou na Casa”. Diz muito essa fala inclusive sobre seu cuidado e atenção curatorial, onde se gere mas igualmente e habita o espaço cultural. De certa forma, esses 20 anos foram a ampliação dessa morada para uma miríade de mais pessoas, obras e suas estéticas únicas. Nesses cômodos sabidos e reinventados, habita memória e presente, o acervo e o inédito, o histórico e a inovação, arte e pesquisa e um perpétuo eco de conversas entre artistas e amigos que viveram em cada convite e texto curatorial.

Assim como estar em casa oferece abrigo e segurança, a CasaGaleria cultiva um ambiente onde os artistas, especialmente os talentos emergentes, se sentem capacitados para experimentar, correr riscos e mostrar suas visões únicas sem as restrições de um mercado movido apenas pelas tendências, ao passo que sobre ele igualmente aprendem em teoria e vivência.

No entanto, a CasaGaleria não é simplesmente um abrigo passivo; ela atua como um catalisador ativo para a descoberta artística, assim como uma casa cheia de quartos elípticos esperando para serem explorados e retratados na própria crônica de suas reformas, antigas e novas paredes.

O compromisso consistente da galeria em mostrar diversas expressões artísticas, provenientes da rica tessitura cultural do Brasil, transforma a CasaGaleria em um espaço onde os visitantes podem encontrar narrativas inesperadas e se envolver com uma multiplicidade de linguagens artísticas. Quem conhece o espaço e sua história, vê esses trejeitos na materialidade da própria arquitetura, com paredes e tijolos que aparecem e desaparecem, mudam de local, tetos que abrem como intervenção para as exposições e são depois recobertos, na própria espontaneidade e plasticidade dos tijolos como epiderme para a arte que se ergue e sustenta em sua frente.

Esse compromisso reflete o espírito exploratório da própria arte contemporânea brasileira, que constantemente ultrapassa limites e desafia as normas estabelecidas, refletindo o cerne histórico da nação cumulativamente plural, de sua resistência e engajamento crítico com as questões sociais.

A metáfora da casa também se estende à ideia da CasaGaleria como um espaço para fomentar o senso próprio de comunidade: assim como uma casa reúne pessoas e é em si moldura do espaço, a CasaGaleria emoldura e acolhe artistas, colecionadores e entusiastas, onde sob a tencitura de uma vernissage ou no cotidiano de um dia de semana podem se conectar, trocar ideias e participar de uma paixão compartilhada pela exploração artística.

Esse senso de comunidade é crucial em um mercado estruturalmente intimidador ou exclusivo, especialmente para aqueles que são novos no mundo da arte ou encontram-se na fase delicada de ascensão e experimentação.

Por ocasião de seu 20º aniversário, a metáfora da casa assume ainda



Obra de Ana Luiza Kalaydjian



Escultura de Matheus Carmanhani



Obra de Marcos Rodolfo Schmidt

um sentido de legado e continuidade na própria historicidade consumada de sua instituição e memória em mais de quase 80 exposições e projetos contabilizados, para além de publicações, entrevistas, matérias e outras participações adicionais.

Assim como uma casa carrega as histórias e sopros de seus habitantes, a história da CasaGaleria está para sempre gravada nas obras que exibiu e nos artistas que apoiou, e em um caso único, reunindo um esforço acadêmico igualmente prolífico de pesquisa e publicações em congressos, periódico e simpósios.

Esse legado serve como plataforma para o presente e caminho para futuras gerações de artistas e entusiastas da arte descobrirem, se envolverem e contribuir para a narrativa em constante evolução da arte brasileira. A casa, nominal da gênese e batismo da CasaGaleria, encapsula o papel multifacetado da galeria dentro do ecossistema da arte brasileira como refúgio e acervo. Ela incorpora um compromisso com a diversidade artística, uma paixão pela descoberta e uma dedicação em fomentar uma comunidade de apoio. À medida que a CasaGaleria avança, no coração pulsante da capital paulista, ela continuará a ser um farol de criatividade e um testemunho do poder duradouro da arte para inspirar, desafiar e conectar a todos nós em termos tipicamente regionais e cada vez mais globais.

Uma galeria não pode ser um apócrifo de estéticas passadas, nem um perpétuo ensaio de futurismos, é necessário ser nesse equilíbrio delicado de passado e futuro, um presente intrínseco a mensagem que se filtra entre curadoria e artistas em um plural perpétuo. Vinte anos, duas décadas, uma pessoa adulta e nisto, uma persona institucional que como foro das artes viveu tantos respiros, memórias e cotidianos que são pois feitas as próprias paredes, arqueológicas. Em seu âmago de missão poética do artista, e especialmente no Brasil, Arte sempre será “Resistência”, do subjetivo ao mundo e do mundo a si mesmo, no que pode haver de intrinsecamente único ao verso feito em imagem pelo artista que ousa tanto diante do cotidiano da Polis, frente ao efêmero e o eterno de universo. Para além de qualquer elemento histórico, técnico, social e científico, Arte e Curadoria, nesses 20 anos, são tanto resistência, luta estrutural, social e administrativa, quanto autoral e estética na unidade intrínseca de cada artista e no elo do coletivo e da curadoria. ●

Antonio Cavalcante

CASA GALERIA
oficina de arte
Rua Fradique Coutinho, 1216
Pinheiros
Fone: 3849 9620
www.casagaleria.com.br

**EDITOR DE ARTE & CULTURA
E CURADORIA**
Loly Demercian

REVISÃO
Carolina Demercian

FOTOGRAFIA
Fernanda Montenegro

COMERCIAL
<https://www.kooness.com/galleries/casagaleria-e-oficina-de-arte-loly-demercian>

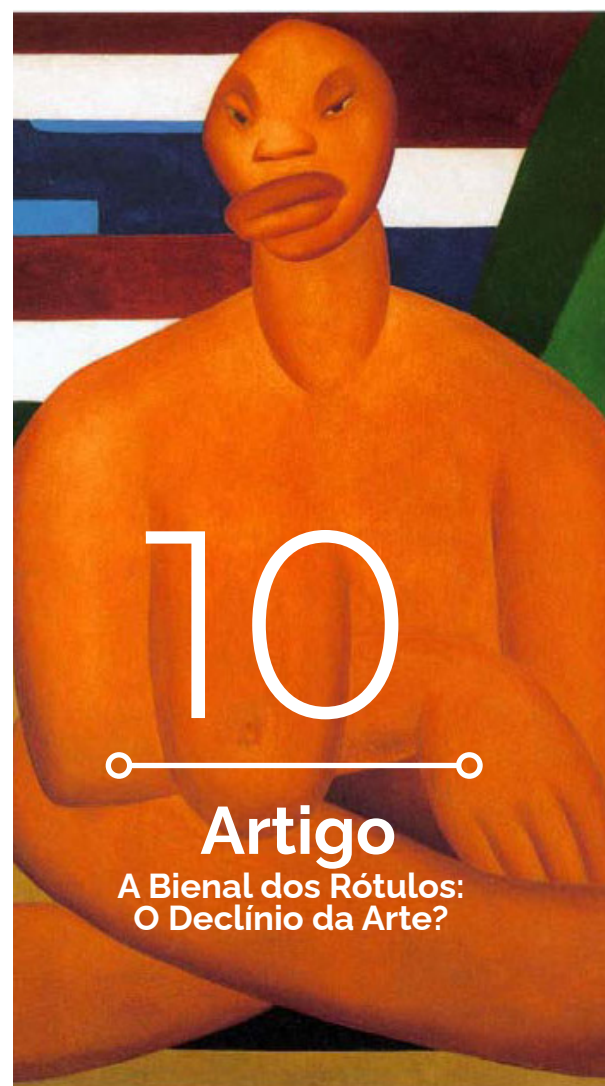
<https://artsoul.com.br/galerias/casagaleria-e-oficina-de-arte>

DESIGN GRÁFICO
Sueli Rojas
e Pedro Henrique Demercian Jr.

COLABORADORES
Carmen Aranha
Antonio Cavalcante



Obra: Marcos Rodolfo Schmidt 2023



Obra: A Negra, 1923. Tarsila do Amaral óleo sobre tela



28

Depoimentos



42

Artistas da Casa

Ensaio fotográfico
de Fernanda Montenegro
com os artistas da
Casagaleria



104

Exposição

Coletiva Casagaleria: a resistência

A BIENAL DOS RÓTULOS: O DECLÍNIO DA ARTE?

ANTONIO CAVALCANTE
ROSELI C M R DEMERCIAN

Resumo

A arte contemporânea, enquanto manifestação cultural, frequentemente se encontra no cerne de debates acerca de sua autenticidade e valor intrínseco. A crítica de que a arte contemporânea está se tornando uma “bienal dos rótulos” - onde a originalidade é sacrificada em prol da comercialização e da inserção em circuitos pré-determinados - levanta questões importantes sobre a relação entre arte, mercado e poder. Este artigo busca explorar a hipótese de que há um

estreitamento temático-estético da arte contemporânea é resultado do achatamento de tendências estimulado por um afunilamento de grandes conglomerados comerciais e plataformas de publicação e venda de arte que podem acelerar um ritmo de horizontalidade e homogeneização na captação de pautas com potencial crescentemente mercadológico. Uma das nossas reflexões basilares neste âmbito é que há uma tendência contemporânea desse foro de debate mais amplos

sobre pautas e mobilização estética ocorrerem na fronteira entre arte e política, ou seja como a estetização de pautas com elementos representativos legítimos que se vêm apropriados e aplicados posteriormente em um potencial de nuance mais comercial. Assim, igualmente com essa elaboração, visa discorrer sobre o

horizonte de base de interface entre Arte e Política. Em uma última etapa utilizaremos tabelas temáticas para ilustrar um recorte para abstração de padrões e tendências em serviços internacionais como Artsy e outras plataformas de vendas de arte contemporânea e anuários de estudos mercadológicos de arte no segmento primário e secundário, com dados já existentes (Renneboog, 2017). Buscamos nisso propor um estudo crítico para verificar se há um achatamento ou horizontalidade temática de várias amostragens de artistas nesses veículos, assim entrando em nosso debate narrativo mais amplo, do equilíbrio entre autorialidade e tendências de mercado, ou no como um foro de falas culturais e políticas se afunila em uma dada tendência comercial. Nossa análise assim será composta de duas etapas: uma revisão e reflexão teórica sobre a interface entre Política e Cultura na apropriação de pautas, direcionando-as para dinâmicas de mercado, onde, em uma segunda etapa, analisaremos o aspecto mercadológico com recorte mais específico.

Introdução

Velthuis (2018) argumenta que o mercado internacional de arte está se tornando cada vez mais homogêneo, com um número reduzido de tendências dominando as exposições e feiras de arte.

Esse fenômeno é em grande parte im-



Uma olhada no setor *Unlimited da Art Basel* em 2024
Por Art Basel Editorial, 10 de junho de 2024

pulsionado por conglomerados como o MCH Group, que organiza eventos de alto perfil como a Art Basel. A centralização dessas plataformas permite que poucas entidades moldem as narrativas e tendências predominantes, afetando diretamente a diversidade e a originalidade da produção artística. Dentro desse ponto chave, propomos uma análise que aloca uma tendência de captação desse eixo temático no foro discursivo de pautas políticas e elementos representativo, que surgem em um foro de demandas sócio-políticas e veem capilarizados no escopo maior de abstração de temas de mobilização e militância, inclusive ao âmbito artístico. Dentro dessa tendência geral de achatamento temático e homogeneização

propiciado pela captação de grandes veículos de compra e venda, grandes galerias e locais de marketplace, propomos a noção de um conceito de afunilamento cultural, que conceituamos como a redução de um horizonte autoral possível dos autores e artista individuais com vista a um potencial de petencimet e sucesso mercadológico a despeito de sua estética pessoal “genuína”, dentro dessa área de afunilamento estético encontrar-e também apura “dada” ou bem sucedida em termos de mercado pela disposição apropriativa desses mesmos veículos. No arcabouço da discussão moral e institucional dessa dinâmica repouso uma reflexão sobre a prioridade entre o êxito econômico e uma missão estética autoral e guina, pelo uso

do artista dessas pautas já selecionadas comercialmente, não implicando porém, que para alguns elas possam naturalmente coincidir dentro de sua missão estética pessoal, há apenas uma reflexão sobre a pressão dessas pautas no ecossistema comercial da Arte bem como a tensão de seu discurso original no universo

político, de onde são extraídas. Dentro do âmbito de um cálculo de valor e expressão cultural, um dilema antigo essencialmente da precificação de bem artístico, Danto (2014) discute a ideia de que a arte contemporânea muitas vezes parece estar mais preocupada com seu valor econômico do que com seu valor cultural. O autor sugere que a comercialização excessiva da arte pode levar a uma diminuição de sua profundidade estética e intelectual, resultando em obras que são mais fáceis de vender, mas menos significativas culturalmente, nessa questão associamos em nossa investigação precisamente uma aceleração propiciada pelo elemento da informação e tecnologia no ecossistema artístico atual, com a prevalência de conglomerados e marketplaces online e offline que estreitam a margem de tempo dessas considerações. No fluxo de formações de pautas, publicações de arte como “Artforum”, “ARTnews” e “Frieze” desempenham um papel crucial na formação das narrativas e tendências no mundo da arte, como sugere Thompson (2010). Essas revistas não só destacam certos artistas e movimentos, mas também ajudam a determinar o valor das obras no mercado.

A influência dessas publicações pode, portanto, contribuir para a homogeneização das tendências artísticas, ao promover apenas aqueles que se alinham com as expectativas comerciais. Se formos adentrar alguns referenciais do debate teórico que

pode ajudar a estruturar o eixo de interação entre os foros de debates temáticos da política, e a esfera do mercado, é possível utilizar Bourriaud (2010), que introduz o conceito de “estética relacional”, onde a arte é vista como um espaço de interação social.

No entanto, quando essa interação é mediada por interesses comerciais, há um risco de que a expressão estética seja moldada mais pela demanda do mercado do que pela autenticidade artística.

Este processo pode levar ao que Dorfles (2016) chama de “tendências homogêneas”, onde a diversidade temática e estilística é sacrificada em prol da comercialização. Em seguida, propriamente elaboramos mais sobre a esfera de interface entre Política, Arte e Sociedade, de onde propomos em nossa reflexão ser o ponto mais basilar de extração de pautas para a elaboração de novos produtos mercadológicos embebidos em uma lógica de apelo e legitimidade pelas tendências das em termos sociais, isso é, a captação de nuances representativas e dos dilemas sociais que se esboçam nessas produções estéticas e lançam luz a novas e promissoras opções de mercado.

Política e Representação na Arte Contemporânea, Sociedade e Mercado

A relação entre arte e questões sociais não é um conceito novo. Historicamente, várias correntes artísticas foram impulsionadas por movimentos sociais e políticos. O Realismo no século XIX, por exemplo, buscava representar as condições de vida da classe trabalhadora, enquanto já se esboçaram problematizações temáticas sobre experiências de gênero, identida-



Realismo do século XIX, Colheita, Leon Augustin Lhermitte, óleo sobre tela, 1874

de e opressão, demonstram como a arte pode ser um veículo para a expressão de vivências marginalizadas. O modernismo e movimentos de vanguarda por definição também engajaram com questões sociais e políticas de forma incisiva. Os artistas de vanguarda desafiavam normas estéticas e sociais, criando uma arte que questionava a guerra, a industrialização e os valores burgueses. O manifesto Dadaísta, por exemplo, era uma clara reação às atrocidades da Primeira Guerra Mundial.

Foster (2006) argumenta que a arte contemporânea é profunda e crescentemente política, explorando temas de identidade, aspectos de representação minoritários e sujeitos étnicolinguísticos, bem como, meio ambiente e tecnologia. No entanto, a transição dessas preocupações para o mercado pode resultar em um afunilamento das expressões culturais, onde apenas os temas que têm potencial comercial são explorados. Isso levanta preocupações sobre a marginalização de

vozes e práticas artísticas menos comerciais, ao passo que também problematiza o canal original da mensagem daquelas mesmas pautas representativas quando ainda não dispunham de uma ênfase mercadológica. A interface entre arte e política é não apenas por demais antiga, mas dispõe

igualmente de um campo fértil de investigação, onde questões de poder, identidade e representação são exploradas de maneira estética e crítica. A arte contemporânea, ao refletir e questionar as dinâmicas sociopolíticas, atua como um espaço de resistência e transformação, e explicita o perpétuo debate do propósito estético em si mesmo ou como um ato impregnado de uma missão de militância (Adler, 1976), por definição.

A transição de uma abordagem de “arte por arte” para uma que incorpora questões sociais reflete mudanças mais amplas na sociedade. As últimas décadas do século XX foram marcadas por uma

crescente sensibilização para os direitos civis, feminismo, movimentos étnico minoritário, religiosos e linguísticos, LGBTQIA+ e questões ambientais. Nesse novo contexto, artistas começaram a trabalhar com temas que ressoam com estas pautas, com a intenção não só de provocar reflexão, mas também de mobilizar mudanças sociais. Nos anos 2000, o surgimento das redes sociais transformou a forma como a arte é apresentada e consumida, e dispõe-se aqui igualmente um gatilho para o elemento da informatização que na era da internet dá vazão aos grandes conglomerados e vetores mercadológicos de plataformas de marketplace. A acessibilidade das redes sociais democratiza a distribuição da arte, mas também pode ser vista como uma materialização do discurso mais profundo. Instituições artísticas, como o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) e a Tate Modern em Londres, têm se esforçado para incluir exposições que abordam questões sociais. A exibição “Soul of a Nation: Art in the Age of Black Power” na Tate Modern⁴ é um exemplo de como o espaço institucional pode ser utilizado para destacar artistas marginalizados e explorar suas contribuições à arte em um contexto social e político mais amplo.

Uma das principais críticas à apropriação de pautas sociais pelo mercado é a questão da autenticidade. Muitas vezes, as instituições de arte e as galerias podem utilizar essas questões para melhorar sua imagem, criando exposições que carecem de um verdadeiro compromisso com as comunidades que pretendem representar onde “A arte engajada não deve ser apenas um marketing; deve contribuir para a mudança real” (BISHOP, p.3, 2012). A crítica de Theodor Adorno sobre a indústria cultural é pertinente nesse âmbi-

to; a comercialização da arte que aborda questões sociais pode levar a uma diluição do seu significado, convertendo a arte em um produto consumível de menor autenticidade estética onde “O resultado é que a arte se torna um produto no mercado e perde seu poder crítico” (ADORNO, p.5, 1970). Igualmente, Foster (2006) discute como a arte contemporânea frequentemente aborda temas políticos, servindo como um meio de representação e resistência de vozes que se encontram pautas nessas mesmas dinâmicas de demandas representativas no foro social mais amplo. A arte se torna um veículo para expressar vozes marginalizadas e para questionar estruturas de poder estabelecidas, quando feito de forma autêntica e genuína na autoridade desses mesmos autores.

Obras que exploram temas de identidade, raça, gênero e meio ambiente não apenas refletem a realidade sociopolítica, mas também propõem novas formas de pensar e agir, pela própria prerrogativa estética do estranhamento dessas mesmas obras e mensagens. Nossa questão de fundo é precisamente um risco de afunilamento dessa elaboração estética sobre uma prerrogativa recentemente mercadológica de apropriação, pelo “prêmio” dessa mesma garantia de uma legitimação de pautas e de produto, por decorrência. Conforme mencionamos anteriormente, Bourriaud (2010) introduz a ideia de “estética relacional”, onde a arte é vista como um espaço de interação e construção de significados coletivos. Neste contexto, a arte contemporânea não se limita a objetos estéticos, mas se expande para incluir processos e relações sociais. A política da arte relacional envolve a criação de espaços de diálogo e participação, onde as audiências se tornam cocriadores das obras. Este processo participativo pode ser visto como uma forma de democratiza-

ção da arte, onde as experiências estéticas são profundamente interligadas com práticas políticas.

Se pensamos na prerrogativa libertadora dos discursos representativos originais, presentes na autoridade daqueles atores, Rancière (2011) propõe a ideia do “espectador emancipado”, onde a arte tem o potencial de liberar os espectadores das passividades impostas pelas narrativas dominantes. Ao invés de meros consumidores de arte, os espectadores são convidados a interpretar, questionar e reconfigurar as obras, criando possibilidades de significação. Este conceito subverte a tradicional separação entre arte e política, sugerindo que a emancipação estética está intrinsecamente ligada à emancipação política. Nisto, é possível dizer que a cultura, incluindo a arte, é um campo de luta política onde as representações são contestadas e renegociadas. Se quisermos inclusive demonstrar o potencial de extensão dessas mesmas pautas, para além de questões minoritárias um étnico-linguísticas, Guattari (1997) propõe uma visão ecológica da arte, onde a produção estética é vista como parte de um sistema mais amplo de interações sociais, ambientais e tecnológicas. A arte contemporânea, ao engajar com questões ecológicas, revela as conexões entre a degradação ambiental e as injustiças sociais. Esta abordagem destaca a importância de considerar a arte não apenas como um produto cultural, mas como uma prática integrada com outras esferas da vida.

No contexto do mercado de arte contemporânea, as políticas de representação tornam-se particularmente complexas. Conglomerados comerciais e plataformas de venda não apenas determinam quais artistas e obras são visíveis, mas também moldam as narrativas que circulam no

mundo da arte. Isso levanta questões sobre quem tem o poder de representar e ser representado, e como o mercado influencia essas dinâmicas. Velthuis (2018) e Thompson (2010) discutem como o mercado de arte contemporânea tende a promover uma homogeneização das tendências, onde poucas vozes dominam a narrativa global. No entanto, artistas e coletivos continuam a resistir a essas dinâmicas, utilizando a arte como uma forma de desafiar as estruturas de poder e promover graus de diversidade cultural na extrapolação dessa mensagem estética para o foro social mais amplo. A resistência artística pode se manifestar através da criação de espaços alternativos de exibição, práticas colaborativas e a adoção de novos meios e tecnologias. Em síntese, é sabido que a interface entre arte e política é complexa e multifacetada, envolvendo uma série de interações entre representações culturais, poder econômico e práticas estéticas. Ao explorar como a arte contemporânea aborda questões políticas e representativas, este artigo destaca a importância de considerar a arte como um espaço de resistência e transformação, mas igualmente, nessa mesma chave, propomos a reflexão de um risco apropriativo na transformação desses elementos em pautas com valor comercial, onde há o estreitamento e homogeneização de sua própria mensagem e autenticidade.

Arte, Política e Mercado; A Apropriação de Pautas Identitárias pelo Mercado de Arte

A apropriação de pautas identitárias pelo mercado de arte contemporânea é uma questão complexa e controversa. A

crescente valorização de obras que abordam temas como raça, gênero, sexualidade e identidade cultural pode ser vista tanto como um reconhecimento da importância dessas questões quanto como uma estratégia comercial. Este fenômeno levanta preocupações sobre a autenticidade da representação e o impacto da comercialização nas vozes e práticas artísticas marginalizadas. Thompson (2010), conforme vimos, argumenta que o mercado de arte contemporânea é altamente sensível às tendências e demandas comerciais. Nesse contexto, a incorporação de temas identitários pode ser uma forma de aumentar a atratividade e o valor comercial das obras. No entanto, essa dinâmica pode resultar na superficialização das questões identitárias, onde a profundidade e a autenticidade das experiências representadas são sacrificadas em prol de uma estética comercialmente viável. A apropriação de pautas identitárias pelo mercado pode transformar questões complexas e significativas em meros rótulos que aumentam a vendabilidade das obras, de onde surge um processo acelerado pela informatização desses meios e a extração algorítmica de dados que facilita a abstração de tendências e preferências em corpora amplos de informações, inclusive entre mídias. Quando temas identitários são apropriados pelo mercado, há um risco de que as narrativas sejam moldadas não pelos próprios indivíduos e comunidades que vivem essas experiências, mas por atores do mercado que buscam maximizar lucros. Isso pode levar a uma distorção das representações, onde as vozes autênticas são silenciadas ou marginalizadas em favor de uma versão mais palatável e comercializável dessas experiências. A política da representatividade na arte

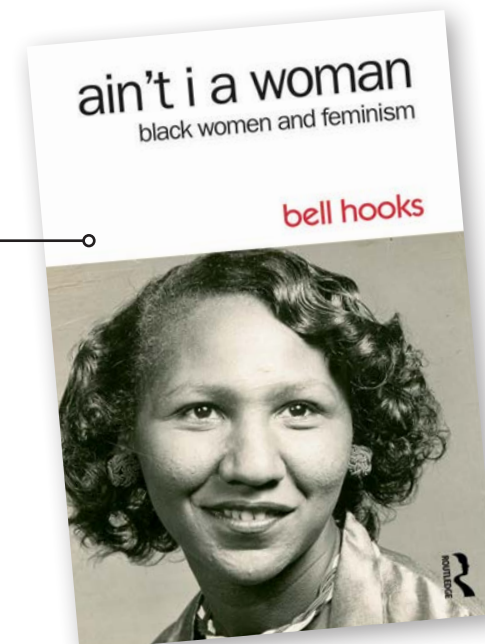
contemporânea é frequentemente mediada pelo mercado (Foster, 2006).

Em termos amplos, a apropriação de pautas sociais pelo mercado de arte pode ser entendida através de diversas lentes teóricas, Horkheimer e Adorno, em seu ensaio “A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação de Massas” (1944), discutem como a cultura é moldada pela lógica do mercado. Eles argumentam que a arte, ao ser integrada ao mercado, perde sua função crítica e passa a servir interesses comerciais. No entanto, ao mesmo tempo, a adoção de temas sociais pode ser vista como uma reconfiguração desse espaço, onde a crítica social se torna uma mercadoria, esse é precisamente o núcleo de nossa análise de fundo e problematização. Criando diálogos com a teoria pós-colonial, que explicita uma etapa posterior, mas com desdobramentos ainda contemporâneos podemos considerar como as vozes marginalizadas são frequentemente “cooptadas” pelo mercado. Sobre a plasticidade e o próprio foro de discussão identitário como processo igualmente relacional, Homi K. Bhabha (1994) argumenta que a identidade não é fixa, mas sim produzida através de encontros culturais. Nesse sentido, a apropriação de pautas sociais pelo mercado não é uma simples captura, mas uma constante negociação de significados; Os termos de engajamento cultural, sejam antagonísticos ou afiliativos, são produzidos de forma performativa. (...)Ao reencenar o passado, esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade originária ou a uma tradição “recebida”. Os compromissos limítrofes da diferença cultural podem ser consensuais ou conflitantes; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade; realinhar os limites habituais entre o privado e o públi-

co, o alto e o baixo; e desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso. (BHABHA, 1982, p.2, tradução nossa).

Na diversidade, trabalhos como a de Hooks (1981), em “Ain’t I a Woman? Black Women and Feminism”, destaca a importância da estética na luta contra opressões sociais. hooks argumenta que a arte pode ser uma forma de resistência e um espaço para a construção de novos significados.

Essa resistência, quando apropriada pelo mercado, pode correr o risco de se tornar uma forma de cooptar a narrativa original em prol de uma estética consumível. A apropriação de pautas sociais pelo mercado de arte oferece um campo fértil para debates éticos. Por um lado, a visibilidade de questões sociais através da arte pode levar a maior conscientização e engajamento. Em contraste, pode haver uma crítica à superficialidade e ao risco de que essas questões sejam despolitizadas – transformadas em mero “acessório” mercadológico. O conceito de “performatividade” de Judith Butler (1990), pode ser útil para entender como as questões sociais podem ser consumidas sob a forma de performances estéticas sem um engajamento real. Essa crítica é pertinente quando analisamos como exposições que abordam temas sociais muitas vezes carecem de profundidade e impacto real se extraídas de seu mero conteúdo episódico e expositivo, bem como posterior venda de seu acervo. A apropriação de pautas sociais pelo mercado de arte é um fenômeno multifacetado, mas não necessariamente de todo recente, conforme buscamos elaborar, no entanto segue refletindo as complexas interações entre arte, sociedade e economia. Enquanto a arte engajada pode ser uma poderosa ferramenta



para a mudança social e a conscientização, é essencial que artistas, instituições e espectadores mantenham um olhar crítico sobre a autenticidade e a profundidade dessas representações. Dentro do recorte de nossa análise, a variável chave é precisamente a aceleração desse processo pelo elemento informacional e homogeneizante da informação e de marketplaces virtuais de amplo alcance. Grandes galerias, como Gagosian e David Zwirner, têm se adaptado ao cenário digital, desenvolvendo suas próprias plataformas online e colaborando com marketplaces estabelecidos.

Estas galerias procuram alcançar novos públicos e expandir seu alcance, mantendo sua relevância no mercado.

A adaptação ao digital também fez com que galerias tradicionais ampliassem o conceito de curadoria. Elas não apenas expõem obras, mas também criam narrativas em torno delas. Segundo Bourdieu

(1984), o capital cultural é um elemento central na definição de uma obra de arte. O conceito de marketplace de arte refere-se a plataformas online que conecta artistas, galerias e colecionadores em um espaço de compra e venda de obras de arte. Exemplos como Artsy, Saatchi Art e Paddle8 surgiram para ampliar mecanismos de acesso à arte, permitindo que um público mais amplo descubra, comercialize e adquira obras. Nesse mesmo prisma, por meio de análises algorítmicas e de preferências que mantêm um elo mais tradicional com interface discursiva da sociedade, são fortalecidas tendências e preferências, dentro de nosso debate mais amplo. Nosso conceito de afunilamento estético com base em um estreitamento de autenticidade da mensagem original de pautas originárias da esfera social e política, mas dotadas de um apelo comercial então apropriado pelos sujeitos desses conglomerados comerciais se refere no fundo ao grau de comodificação da arte em contraponto a uma mensagem autoral autêntica e plena, onde o valor da obra é reduzido a uma transação financeira com maiores potenciais de retorno por pertencerem aquela pauta ou tendência já confirmada pelo mercado. A arte pode se tornar mais uma mercadoria em um mercado saturado, correndo o risco de perder seu valor estético e cultural.

O acesso facilitado pode levar a uma interdisciplinaridade superficial, onde questões sociais são exploradas rapidamente em prol do engajamento, mas sem um comprometimento real. Há sempre o risco de que as plataformas priorizem a estética ao invés da significância das mensagens sociais que a obra deve transmitir. Nisto, em síntese o surgimento de marketplaces de arte e a transição das galerias para o espaço digital têm um impacto

significativo na forma como a arte é produzida, consumida e discutida. A internet de fato promove em algum grau a democratização do acesso à arte, mas também inicia diálogos cruciais sobre questões sociais contemporâneas. Contudo, é vital que tanto artistas quanto instituições mantenham um olhar crítico sobre a comercialização da arte e a superficialidade que pode emanar deste fenômeno. Após essas considerações teóricas, passaremos agora para uma segunda etapa de análise de mercado com exemplificações mais específicas, mantendo o elo de análise com o elemento da interface de pauta entre cultura e política, de onde interagem em interface as forças de mercado. Como elemento adjacente, serão tecidas reflexões sobre o papel de navegação do crítico de arte nessa dinâmica.

Mercado de arte versus mercado financeiro

“O reexame da história recente do país se impõe. O balanço da civilização brasileira popular é necessário, mesmo se pobre à luz da alta cultura. Este balanço não é o balanço do folclore, sempre paternalisticamente amparado pela cultura elevada, é o balanço visto de outro lado, o balanço participante. É o aleijadinho e a cultura brasileira antes da missão francesa. É o nordestino do couro e das latas vazias, é o habitante das vilas, é o negro e o índio. Uma que inventa, que traz uma contribuição indigesta, seca, dura de digerir”. Lina Bo Bardi (catálogo Histórias Mestiças, Adriano Pedrosa e Lilia Moritz Schwarcz. Rio de Janeiro: Cobogó: 2015. pg.25).

Começamos com essa citação do catá-



Exposição Histórias Mestiças, no Instituto Tomie Ohtake, em 2015

logo de uma exposição feita pelos curadores Adriano Pedrosa e Lilia M. Schwarcz, realizado no Tomie Ohtake, em 2015 “Histórias Mestiças”, e por coincidência, o mesmo curador Adriano Pedrosa, convidado para Bienal de Veneza de 2024, trazendo a mesma ideia conceitual de “Histórias Mestiças”, para Veneza. Jochen Volz, curador convidado da 27ª Bienal de São Paulo (7 de outubro - 17 de dezembro de 2006), deixou assentado que discutir a arte contemporânea é tarefa que demanda múltiplas interrogações: qual seria o sentido de uma exposição, ou de uma Bienal se elas não provocassem reflexões e discussões sobre a pesquisa artística contemporânea? (SEMINÁRIOS, 2006, p.21). Isso não aconteceu na Bienal de Veneza. Historicamente a Bienal de Veneza era modelo para Bienais no mundo todo, inclusive no Brasil, era uma exposição de delegações, de países compartimentados, com direito a escolher artistas.

Não mudou muito nos dias de hoje na

Bienal de Veneza; o presidente da Bienal de Veneza indicado pelo serviço cultural do Ministério da cultura da Itália (e não eleito por um conselho interno como na Bienal de São Paulo) e mais um grupo de críticos fixam grandes temas de pesquisa entregues a uma equipe internacional de experts sobre as linhas gerais ou particulares da produção artística contemporânea. Segundo eles, esse processo introduz novas visões e aberturas, abrindo espaço a jovens artistas e propiciando-lhes mercado para sua sobrevivência profissional. Não foi, em todo caso, o que aconteceu, o “particular” prevaleceu, sabemos que a Bienal de Veneza tem grande dependência de galerias de arte, segundo Fabio Cypriano, em seu artigo da revista Arte Brasileira (67 edições. “60 Bienal de Veneza, 2024. pg 54) diz que são elas que viabilizam boa parte da exposição que não conta com orçamento significativo. Nesse sentido, Pedrosa escolheu trabalhos de artistas modernistas, em sua boa parte da exposição, até os cavaletes da Lina Bo Bardi estavam



Bienal de Veneza de 2024

presentes. Quem ganha com isso são os colecionadores e investidores que trabalham com o segundo setor, artistas modernistas, as questões levantadas, como queer, indígenas de figuras à margem do sistema se veem sob risco de se tornarem irrelevantes. Essa situação e percepção tem nome a gentrificação do processo da cultura – o desmonte do Welfare States - (estado do Bem estar do economista John Maynard Keynes (1883-1946), que rompe com a visão de livre-mercado em favor da intervenção estatal na economia) segundo a Naira Cristina Assis, “a progressiva diminuição de recursos públicos para as artes promovem importantes mudanças no que se refere às relações entre Estado e cultura e cultura e mercado privado. Conforme analisa Chin-ao Wu (2006), com o Estado menos presente, a intervenção corporativa nas artes se tornará cada vez mais nítida e se fará de modo cada vez mais heterogêneo.

Neste contexto, vemos surgir as grandes coleções de arte geridas por corporações empresariais, há um aumento na especulação em torno do preço de obras e uma significativa mudança na condução dos museus. Os conselhos de museus e bienais estão repletos de operadores do

mercado financeiro, muitos deles colecionadores. O ex-presidente da Bienal de Veneza Paolo Baratta (2008-2020) é banqueiro, o atual Pietrangelo Buttafuoco, do partido de extrema-direita, considera ser um establishment artístico dominado por esquerdistas. Assim como o atual presidente da Bienal de São Paulo, José Olympio da Veiga Pereira, banqueiro, é Presidente do J. Safra Investment Bank desde janeiro de 2023 e colecionador de arte contemporânea brasileira, participando como membro do conselho de diversas instituições de arte no Brasil e no exterior.

O dealer-critic system de 1960, de Harrison White e Cynthia White, dizia que a dispersão do poder de compra era uma realidade central da nova situação, à qual o sistema crítico-distribuidor poderia adaptar-se de forma muito mais eficaz do que a máquina oficial centralizada. Não se tratava de um mercado de massa no sentido americano moderno, mas também não se podia obter o apoio total necessário por meio de uma série de grandes patrocinadores privados, além de um aparato do governo central para a concessão de comissões. Havia potenciais compradores suficientes e suficientemente variados, de modo que era necessário pensar

em termos de mercados e não de indivíduos. Como disse Charles Blanc, sob um Estado despótico a arte floresce devido à imensa concentração de riqueza, enquanto que num Estado democrático: “Unir os homens, agrupar a riqueza, reunir tantos recursos dispersos – estas são as condições futuras para a prosperidade da arte e sua expansão.”

E nesse sentido o crítico de arte está no passado, substituído pelo curador de arte, entende-se por curador na atualidade – saindo do Euro centro e da cultura norte-americana e permitindo tensões em novos territórios –, as exposições teriam que articular novas tendências e debates, porque a arte contemporânea demanda de seus legitimadores discussões e debates com o público, justamente com o propósito de construir uma linguagem contemporânea sobre o próprio objeto de arte: como ele se constrói e quem o cria. Para tanto, é cogente uma nova visão dos conceitos de curadoria e de estéticas contemporâneas.

Segundo o alemão Willi Bongard, diz que curador é “Papás da arte”. Eles são contratados dentro dos museus, instituições e pelas galerias. São direcionados incluir a pauta da “democratização da cultura”. Palavras bonitas, mas o que realmente acontece? Na folha de São Paulo, na página do caderno Ilustrada do dia 5 de junho de 2024, escrita por Eduardo Moura e Matheus Rocha, foram convidados pelo governo de Abu Dhabi, para visitarem o novo museu erguido, uma filial do Museu Louvre em Abu Dhabi, nos Emirados árabes Unidos, disseram que nas mesas redondas do evento, são jogadas palavras bonitas como “diversidade”, “democratização da cultura” e “precisamos falar sobre isso”, mas o realmente está em jogo nessa monarquia absolutista é um plano de desenvolvimento econômico que pretende

surfear na bonança trazida pelo petróleo e, no longo prazo, superar a dependência do combustível fóssil.

E não para por aí, as mega galeristas do presente ou poder de conglomerados como MCH group⁵ dono da franquía Art Basel, Endover Group Holdings (dona da revista Frieze, da frieze Art Fair, The Armony Show e, da LVMH (dona da fundação Louis Vitton e da revista Connaissance des arts), grupos que reúnem coleções, feiras e imprensa sob uma única empresa. Passamos em seguida para o recorte de análise mercadológico com fonte na plataforma Artprice.

Considerações do estado do mercado segundo Artprice

A expansão da produção e consumo de bens simbólicos a partir da segunda metade do século XX, parece ter evidenciado o papel das práticas culturais, não apenas na reprodução dos modos de vida, como também em sua produção material (Cevasco, p.2, 2001).

Observando a história do mercado de arte, é possível estabelecer uma forte correlação entre seus principais momentos de crescimento e queda com as flutuações do mercado financeiro e o crescimento das economias nacionais. O desenvolvimento de mercados de artes pressupõe a existência de um volume de capital excedente em circulação, assim como o desenvolvimento de um extrato de indivíduos que os economistas hoje denominam HNWI (High Net Worth Individuals), indivíduos que possuem mais de 1 milhão de dólares disponíveis para investimento. Em 2022, um efeito de recuperação pós-Covid-19, juntamente com a venda de

algumas das coleções privadas mais extraordinárias da história, levou o mercado de arte global a um volume de negócios notável em leilões. De fato, para a faixa de preço mais alta do mercado, foi um ano recorde, com 24 lotes alcançando preços acima de \$50 milhões. (The Art Market 2023 e astron.net)

Esses preços recompensaram obras extremamente raras que cada uma tinha um lugar na história da arte e cuja singularidade e valor representavam ‘santos graais’ para qualquer grande colecionador ou museu.

Em 2023, houve algumas vendas de coleções privadas, mas foram muito menos prestigiadas e muito menos bem-sucedidas do que as do ano anterior, e o número de resultados acima do limite de \$50 milhões caiu de 24 para apenas 6. De fato, dados os preços muito altos que atingiram, os dezoito grandes lotes de leilões de alto padrão que estavam ausentes em 2023 (em um total de 763.000 lotes vendidos) representaram uma perda de \$1,46 bilhão em comparação com 2022. Mas enquanto tal mudança era esperada, o que era menos esperado foi a complexidade do contexto global com a estagnação da guerra entre Ucrânia e Rússia e a chegada do conflito Israelense- Palestino, em suma, sob tensões e risco geopolítico agravado.

O Mercado de Arte é hoje globalizado como nunca, com vendas ao vivo que permitem que as casas de leilão alcancem colecionadores de todo o mundo no mesmo evento. Embora – tecnicamente falando – o mundo inteiro possa participar dessas vendas, o mapa global do mercado de arte está constantemente mudando, às vezes a ponto de inverter certos equilíbrios de poder.

Em Londres, onde 96% do faturamento do mercado de arte do Reino

Unido é gerado, os principais players do mercado – Christie’s, Sotheby’s e Phillips – têm visto seus resultados declinarem nos últimos anos. A contração em relação a 2022 (-16%) não é particularmente preocupante em si, pois é cíclica e comum a vários grandes mercados, mas se olharmos mais longe, vemos um quadro menos positivo.

Ao longo de cinco anos, o faturamento de leilões de arte em Londres caiu 35% e, se comparado a 2008 (seu nível mais alto de \$3,4 bilhões), caiu aproximadamente 50%. Enquanto isso, o volume de faturamento de leilões de arte tem aumentado gradualmente em Paris (desde o Brexit) e em Hong Kong triplicou em quinze anos. A perda de ritmo de Londres decorre do fato de que não está mais competindo apenas com Nova York pela dispersão de obras de arte muito finas; está também competindo cada vez mais com Paris e Hong Kong.

Colecionadores asiáticos, particularmente chineses, desempenham um papel importante na venda das obras mais caras. A Sotheby’s relata, por exemplo, que 32% dos colecionadores que fizeram lances em obras de arte superiores a \$1 milhão nos últimos cinco anos são asiáticos, uma participação quase igual à dos colecionadores americanos e ligeiramente superior à dos europeus. Por exemplo, a obra mais cara vendida em Londres em 2023, *Lady with a Fan* de Klimt, foi adquirida por Patti Wong por \$108,39 milhões em nome de um colecionador de Hong Kong.

Embora Londres continue sendo um mercado essencial para obras de alta qualidade, particularmente arte Moderna e do Século XX, as principais casas de leilão estão investindo pesadamente em outros lugares, modificando assim o panorama do mercado de arte global, par-

ticularmente na Ásia. É curioso ressaltar pelos números de procura de artista da era barroca ocidental e artistas modernista até meados do século XX, que segundo o rank fornecido pela ARTPRICE 2023, estão em 1- Pablo Picasso, em 2- Gustav Klint, 3- Claude Monet, 4- Jean Michel Basquiat, 5- Francis Bacon, todos europeus e um americano.

Em 2023, Basquiat continuou sendo o artista principal do segmento Contemporâneo, com um desempenho ainda melhor do que no ano anterior, aumentando 7% para 238 milhões de dólares.

Ele também foi o segundo artista mais vendido no mundo, atrás apenas de Picasso. Suas obras representaram os três melhores resultados no segmento Contemporâneo este ano, incluindo uma de 67,1 milhões de dólares para *The Great Show (The Nile)* (1983), cujo preço aumentou treze vezes após dezoito anos de posse. Outra obra, *Self-Portrait as a Heel (Part Two)* (1982), também gerou um aumento significativo de valor quando foi vendida por 42 milhões de dólares na Sotheby’s em novembro, em comparação com um preço de aquisição de 772.500 dólares em 1999 na Christie’s.

Os outros 18 artistas contemporâneos que figuraram entre os 100 principais globalmente (em termos de volume anual de leilões) não se beneficiaram da mesma energia. Enquanto os totais anuais de Mark Tansey e Mark Bradford foram multiplicados por três e os de Zhou Chunya e Richard Prince por dois, os de Banksy e Damien Hirst diminuíram drasticamente (-47% e -37%, respectivamente). As obras de alguns artistas de Arte Contemporânea Blue Chip até perderam valor, como a escultura de Jeff Koons “Jim Beam - J.B. Turner Train” (1986), um grande trem de aço polido cujo pre-

ço foi reduzido pela metade em quase uma década. Vendida por 33,7 milhões de dólares na Christie’s em 2014, a obra atingiu 16,9 milhões de dólares em 2023. As obras de Christopher Wool também ficaram aquém das expectativas, notavelmente *Untitled (Please)* (1988), que foi vendida por 8,37 milhões de dólares na Sotheby’s em comparação com mais do que o dobro (17,1 milhões de dólares) em 2017 na Christie’s.

Percebemos pelos gráficos, que os leilões são o espelho que esta acontecendo com a arte, as pautas, nada muda a direção de quem investe em arte, ainda esta voltada para modernidade e artistas do século XX.

Considerações Finais

Buscamos revisar e reelaborar nessa discussão, uma análise temática e teórica do cenário de arte contemporânea, com base em um recorte mercadológico de tendências, mas mantendo luz a uma dinâmica de base que se ilustra na interface antiga entre Arte, Cultura e Política na pauta temática de elementos representativos originários do foro mais amplo de debate social. Buscamos investigar como acontece uma mediação dessas pautas na capilarização entre Cultura e Política, e efetivamente ao final desse fluxo, no Mercado. A discussão permanece aberta por sua ampla tessitura de implicações e possibilidade de novas análises quantitativas com uso de maiores plataformas de dados, mas nosso certo temático investigativo foi o de lançar luz a um risco de estreitamento temático, o que viemos chamando de um afunilamento estético, acelerado e favorecido por grandes plataformas e galerias com dinâmica de precificação e acesso de potencial de mercado de

tendências temáticas. Essa dinâmica tem implicações não apenas para a autoridade de artistas, mas pela própria natureza do objeto artístico contemporâneo como ele se manifesta, é apropriado e precificado, e onde nisso repousa uma noção mais autêntica de autoridade.

Argumentamos que na nossa época, esse circuito temático é crescentemente político, e nisso há um debate delicado sobre a real nuance representativa dessas pautas e a tendências mercadológicas de homogeneização ao torná-los produtos bem-sucedidos. ●

Referências Bibliográficas

- ADLER, Judith. *Revolutionary Art and the 'Art' of Revolution: Aesthetic Work in a Millenarian*. Period. Theory and Society, vol. 3, no. 3, 1976, pp. 417–35.
- ARTPRICE. Report, The art market 2023. Disponível em <https://es.artprice.com/artpricereports/>
- the-art-market-in-2023/foreword-by-thierry-ehrmann. Acessado em 23/06/2024
- ASSIS, Naira Cristina Rodrigues. Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo: As regras do mercado: dinâmicas e construção do valor no mercado de arte contemporânea, 2016
- BISHOP, Claire. "Artificial Hells: Participatory Art and the Politics of Spectatorship". London: Verso, 2012.
- BUTLER, Judith. "Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity". New York: Routledge, 1990.
- BHABHA, Homi K. "The Location of Culture". London: Routledge, 1994.
- BOVENSCHEN, Anne. "Art Market 2.0: How Online Art Auctions are Transforming the Art World". "Art & Market", vol. 5, no. 1, 2021, pp. 23–36.
- CEVASCO, M.E.B.P.S. Para ler Raymond Willian. São Paulo: Paz e terra, 2001
- BOURRIAUD, N. Estética Relacional. In: Arte & Ensaios, n. 19, p. 114-121, 2010.
- DANTO, A. C. Após o Fim da Arte: A Arte Contemporânea e os Li-

mites da História. Tradução de Antonio Trânsito. Editora Edusp, 2014.

DORFLES, G. Tendências e Tendências na Arte Contemporânea. In: Revista Brasileira de Artes, vol. 35, n. 2, p. 78-93, 2016.

EAGLETON, T. A Ideia de Cultura. Tradução de Sandra Castello Branco. Editora UNESP, 2005.

FOSTER, H. Política Estética: Arte e Ideologia na Teoria Marxista. Tradução de João Roberto

Martins Filho. Editora Cosac Naify, 2006.

GREEFE, Xavier. Arte e Mercado. São Paulo. Iluminuras, 2013

GUATTARI, F. As Três Ecologias. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 12, n. 34, p. 111-136, 1997.

HOOKS, Bell. "Ain't I a Woman? Black Women and Feminism". Boston: South End Press, 1982.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. "Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos". Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

PEDROSA, Adriano, SCHWARTZ, Lilia Moritz., Catálogo Histórias Mestiça, Rio de Janeiro: Cobogó: 2015 . pg.25

RANCIÈRE, J. O Espectador Emancipado. In: Política & Sociedade, vol. 11, n. 20, p. 145-177, 2011.

RICARDO, Fabbrini. Arte Contemporânea em três tempos. Belo Horizonte: Autêntica, 2024

REED, James. "The New Economy of Art: The Digital Revolutions". "Journal of Arts Management", vol. 25, no. 2, 2015

RENNEBOOG, L.; SPAENJERS, C. Mercado de arte e investimentos em arte: uma pesquisa de estudos empíricos publicados entre 2010 e 2015. In: Revista de Administração, vol. 52, n. 3, p. 332-347, 2017.

RESCH, M. O Mercado de Arte. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. Editora ArteFactum, 2019.

SEMINÁRIOS, 27a Bienal de São Paulo. Fundação São Paulo. São Paulo: Cobogó, 2006.

THOMPSON, D. O Tubarão de 12 Milhões de Dólares: A Curiosa Economia da Arte Contemporânea. Tradução de Pedro Maia Soares. Editora Intrínseca, 2010.

THORNTON, S. Sete Dias no Mundo da Arte. Tradução de Luciana Villas-Boas. Editora Rocco, 2009.

VELTHUIS, O. A Homogeneização do Mercado Internacional de Arte. In: Sociologias, vol. 20, n. 46, p. 192-214, 2018.

ZANINI, Walter. Escrituras críticas/organização Cristina Freire. São Paulo: Annablume: MAC USP, 2013

Legendas

4 -Soul of a Nation: Art in the Age of Black Power 12 July – 22 October 2017 Disponível em: <https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/soul-nation-art-age-black-power>

5-A holding MCH Group AG, com sede em Basileia, é uma sociedade por ações com a participação de empresas públicas

Autores



ANTONIO CAVALCANTE - Cientista Político, é Mestre e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP) com experiência nos tópicos de Direito Internacio-

nal, Patrimônio Histórico e Cultural, Advocacy de Políticas Públicas, Diplomacia Científica e Teoria Política. Tem também publicações nas áreas de Direitos Humanos e Política Internacional. Teve vínculo de pesquisa formal com o CNPq e atualmente com a CAPES, além de Centros de Pesquisa, Cátedras e Comitês. Possui Graduação em Letras pela UNESP, com habilitação em Língua Inglesa, concluindo sua Graduação na University of Georgia (EUA). Possui formação complementar e Extensão Acadêmica em Direitos Humanos e Liberdade de Expressão pela Universidade de Oxford e UNESCO. Foi também membro e colaborador da Comissão de Filosofia do Direito na OAB/SP, Distrito de Santana 125 Subseção, São Paulo/Brasil.

Desde 2022 é também Pesquisador

Associado da Cátedra José Bonifácio pelo Centro Ibero Americano da USP (CIBA-USP). Na área da Cultura e Artes, é representado pela CasaGaleria em São Paulo-SP com participações em editais de fomento cultural como PROAC e exposições artísticas e literárias em locais como FUNARTE, Centro Oswald Andrade, Câmara Municipal de São Paulo, Assembleia Legislativa de São Paulo, Pinacoteca de Santos, Museu Casa de Portinari, CasaCor, FLIP e Feira Literária de Bologna, na Itália.

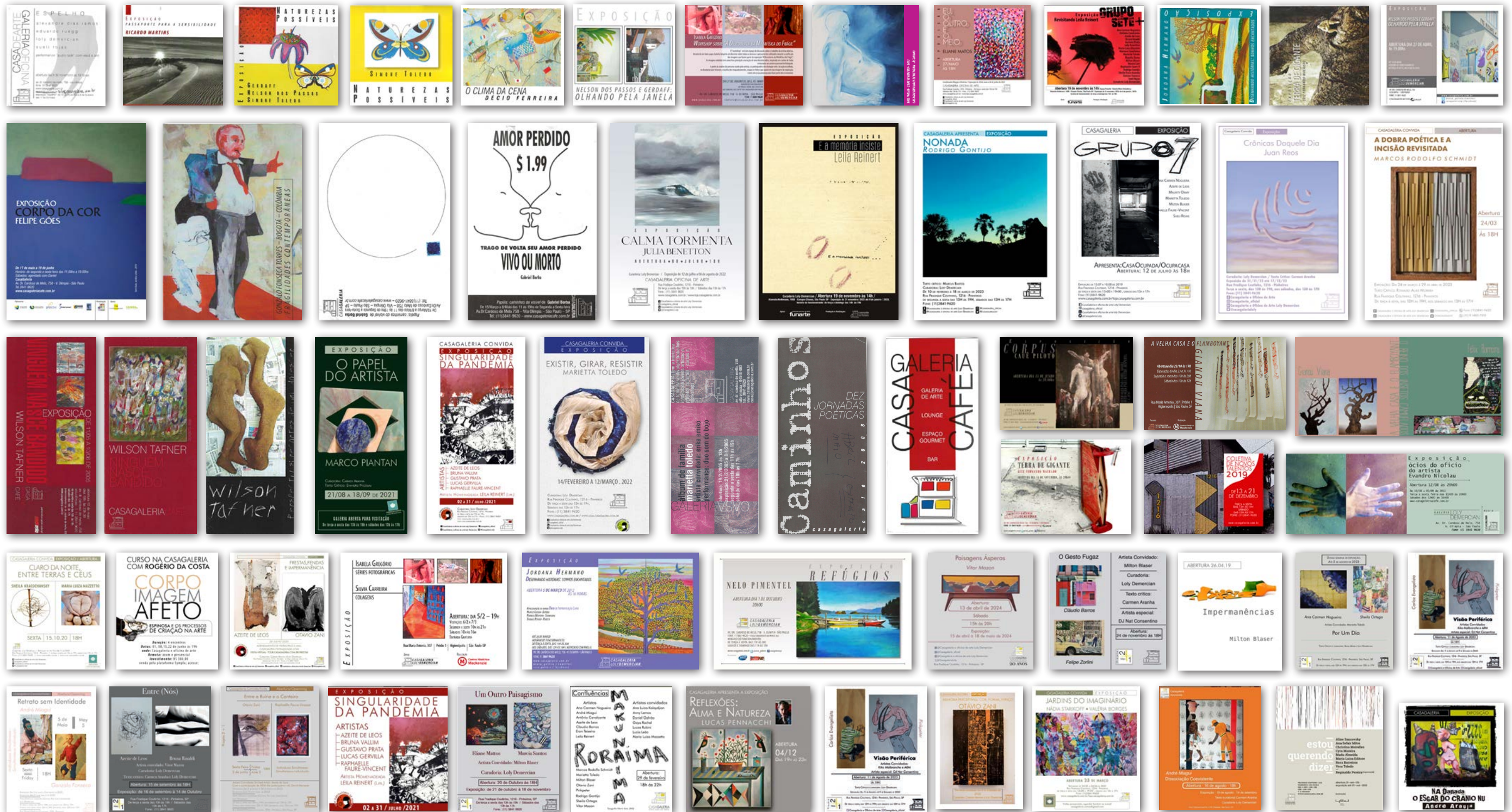
ROSELI C M R DEMERCIAN - Graduação em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1987) Graduação em Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, especialização no Museu de Arte Contemporânea, pelo programa Inter Unidades da universidade de São Paulo (MAC/USP)

e mestrado em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Criação nas Mídias (CCM) da PUC/SP, © curadora independente. Tem experiência na área de arte/educação, História da arte e curadoria, atuando principalmente nos seguintes temas: curadoria de arte, processos artísticos, arte contemporânea, novas mídias e filosofia contemporânea.

Realizou mais de 30 exposições em artes visuais e projetos culturais. Autora dos livros: Arte/ Educação no Ensino Médio: Um estudo sobre a utilização das novas mídias, 2014 // Diálogos Possíveis: o tempo e a duração na videoinstalação, 2010



mural 20 anos



<https://www.instagram.com/p/DDkPyNgPeoP/>

Carmem S. G. Aranha

Coletiva Casagaleria: a resistência

Os anos que separam as primeiras atuações de Loly Demercian das práxis atuais na sua Casa Galeria e Oficina de Arte, apesar de nos possibilitarem com a apresentação dos fatos mais iluminados de uma carreira de muitos anos, na verdade, fazem parte da tecitura cifrada com sentidos vividos por esta artista, educadora e curadora. Esse pano de boca, como todos sabem, é um panorama contra o qual uma peça de teatro, também, se inspira e se desdobra.

Em artes visuais, num paralelo entre a encenação (a museografia), o texto e direção (curadoria) e os atores (obras), a procura dessa interação é o “jogo” alegre, técnico e criador de constituir o “lugar” onde tudo está ao mesmo tempo, sem ênfase em nenhuma das partes. Em seu percurso profissional, Loly procura esse jogo dialético, regido pelo texto da própria cultura contemporânea, interdisciplinar por excelência. E, vinte anos depois da fundação da Casa Galeria e Oficina de Arte Loly Demercian, essa artista-curadora, por entre a trama construída, situa um desejo com seu trabalho atual: uma força de transformação e resistência da cultura artística brasileira com os artistas que passam pela sua galeria.

Loly Demercian nasceu em 1962, na cidade de Bauru e inicia sua carreira de artista plástica no ano de 2000. Graduada pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, ganha o 1o. prêmio pelo seu projeto de conclusão de curso, Monolito. Em 2004, o mesmo trabalho faz parte da coletiva PAINEL ABCA, no Museu de Arte Contemporânea da USP – MAC USP. Em 2005, Loly expõe no Espaço das Artes – USP e no Itaú Cultural SP e em 2006, no Museu Brasileiro da Escultura e da Ecologia – MuBE SP.

Em 2004, funda a Casa Galeria e Oficina de Arte Loly Demercian, com o objetivo de congregar, junto ao espaço de exposições, atividades de ateliê e ensino, com conteúdos que seriam os embriões de suas pesquisas de mestrado (2011) em Arte, Educação e História da Cultura (Faculdade Mackenzie) e doutorado (2017) em Comunicação e Semiótica (Pontifícia Universidade Católica de SP).

No presente ano de 2024, a Casa Galeria e Oficina de Arte Loly Demercian comemora seus vinte anos de atividades ininterruptas, oferecendo aos artistas, ali representados, três grandes áreas de reflexão sobre as artes visuais:

Uma compreensão abrangente da inserção da carreira artística no mercado de artes; Após um ano de estudos coordenados por Loly, a galeria oferece a oportunidade de apresentá-los ao mercado por meio de uma mostra individual e, por fim. Durante o ano de estudos, os artistas da Galeria e convidados podem participar de discussões sobre teoria e prática da linguagem artística, história da arte e curadoria, ministrados por especialistas em cursos de média duração.

Ao comemorar esse momento de realizações, Loly Demercian inaugura, no dia 13 de dezembro 2024, a mostra Coletiva Casagaleria: a resistência, com os artistas da casa. ●

Silvia Meira

Inquieta pesquisadora das artes, LOLY é uma presença forte nas fendas que se abrem para os jovens artistas em São Paulo. Arraigada nas tradições que evocam a contemporaneidade, vai se deslocando e calcando seu próprio caminho, sem um destino fixo, caça talentos, coleciona memórias, resgata sonhos, desloca imagens e acolhe narrativas, tudo em seu olhar que as transforma em exposição.

Amiga, mestra, curadora, a extensão do seu trabalho se desdobra como educadora, do desconhecido que carrega surpresas. Adora o debate de ideias fora do lugar manifestando com coerência sua busca de escutas de lutas por um estar no mundo das artes até mesmo como razão de vida. Sem dificuldade para entender, sua voz já ecoa uma trajetória militante de diferentes territórios vivenciados, de uma cultura em expansão e do desafio de construções simbólicas teórico-críticas com propostas inovadoras e inquietantes para a contemporaneidade.

Silvia Meira, Historiadora das Artes MAC USP ●



Foto de Catarina Rojas/
Exposição Casa Furada em 2017
/20 anos

Lucia Leão

A resistência e a Arte: 20 anos de Casagaleria

Loly Demercian, artista, curadora, galerista e pesquisadora, convida amigos e admiradores para a exposição que celebra os 20 anos da Casagaleria. Em sua trajetória, Loly construiu uma tapeçaria singular, marcada por dedicação, coragem e persistência. Por isso, faz todo sentido que o tema escolhido para essa celebração seja “A Resistência”.

Na semiótica da cultura, resistência é entendida como uma reação crítica ao poder e às normas dominantes, buscando não apenas confronto, mas também emancipação e transformação social. No universo da arte, esse conceito se torna ainda mais profundo, funcionando como um catalisador de novos imaginários, capaz de reconfigurar percepções históricas e culturais.

Lembro com clareza de minha experiência como orientadora de Loly durante seu doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (PPGCOS) da PUC-SP. Sua tese, intitulada “Processos comunicacionais em curadoria e produção do conhecimento: a trajetória de criação do projeto curatorial Genocídio Armênio nos domínios da arte contemporânea e da memória”, defendida em 2017, foi um marco acadêmico que trouxe contribuições inovadoras. Desde o início, Loly demonstrou uma rara combinação de serenidade e entusiasmo, marcada por uma sensibilidade ímpar.

Ela sonhava desenvolver uma curadoria interdisciplinar sobre o Genocídio Armênio, um tema historicamente invisibilizado e pouco pesquisado. Sem hesitar, aceitei o desafio, reconhecendo a coragem e determinação que ela trazia ao projeto. Sua pesquisa não apenas revelou novas perspectivas sobre esse tema tão importante, mas também consolidou a ideia de que a arte pode ser um instrumento transformador de memória e conhecimento. Essa coragem permitiu que Loly enfrentasse a complexidade do tema e, com sua sensibilidade e intuição, construísse redes de colaboração com artistas e ouvisse histórias de vida marcantes. O resultado foi um projeto poético e transformador que destacou a resistência como força motriz no diálogo entre arte, comunicação e cultura.

Desde a criação da Casagaleria, em 2004, Loly demonstra sua curiosidade inquieta e sua capacidade de explorar novos horizontes conceituais. Assim, a escolha do tema “A Resistência” para essa celebração é profundamente coerente com sua trajetória.

Ao longo da história, o conceito de resistência tem assumido diferentes dimensões. Ela aparece como enfrentamento a regimes autoritários, colonização e outras formas de opressão, seja por meio de movimentos sociais, figuras emblemáticas como Gandhi e Martin Luther King Jr., ou mesmo em atos cotidianos de desobediência em contextos de repressão severa. A resistência também se manifesta na preservação de práticas culturais e identitárias ameaçadas, como acontece com comunidades indígenas que lutam para manter suas línguas e rituais vivos.

No campo da arte, a resistência vai além da denúncia, tornando-se um poderoso instrumento de

transformação e construção de imaginários. Obras como Guernica, de Picasso, denunciam injustiças sociais e os horrores da guerra. Movimentos como o Dadaísmo e a arte conceitual desafiam os cânones estéticos dominantes, enquanto projetos contemporâneos dão voz a grupos marginalizados, como artistas afrodescendentes, indígenas, LGBTQIA+ e feministas, que subvertem estruturas de poder e hegemonias culturais. Também é importante destacar iniciativas que trabalham no nível simbólico, utilizando elementos de propaganda ou ironia para reconfigurar significados e questionar sistemas, como exemplificado nas obras de Banksy.

A resistência, na história da arte brasileira, ocupa lugar central. Artistas como Hélio Oiticica, Lygia Clark e Cildo Meireles utilizaram sua produção artística para questionar estruturas de poder e hegemonias culturais. Hélio Oiticica, por exemplo, criou obras como os Parangolés, que desafiavam a tradicional relação entre espectador e obra ao convidar o público a vestir a arte, quebrando hierarquias e promovendo a participação ativa. Esse gesto de subversão estética e política foi profundamente enraizado em uma resistência ao autoritarismo e à alienação social.

Da mesma forma, Lygia Clark propôs experiências sensoriais e participativas que questionavam o papel do artista como único criador, enfatizando a colaboração e a subjetividade do público. Já Cildo Meireles, em obras como Inserções em Circuitos Ideológicos, utilizou garrafas de Coca-Cola e cédulas de dinheiro para introduzir mensagens subversivas, resistindo aos sistemas de propaganda e consumo que dominavam o cotidiano.

Esses exemplos de resistência na arte brasileira dialogam com a proposta de Loly na Casagaleria, que também questiona convenções e desafia narrativas dominantes. Além disso, a resistência se manifesta em várias frentes, desde a denúncia explícita de injustiças até a preservação de tradições culturais e a subversão de estéticas estabelecidas.

A trajetória de Loly Demercian personifica esse espírito de resistência. Do início de sua carreira até a celebração dos 20 anos da Casagaleria, ela demonstra como a arte pode ser um espaço de luta, criação e transformação. Sua celebração não é apenas um marco, mas um convite para refletirmos sobre o papel da arte como força vital em tempos de adversidade e mudança. ●



*Da esquerda para direita:
Lúcia Leão, Loly Demercian,
Sílvia Meira e Carmen Aranha
Foto de 2016*

Pedro Henrique Demercian

Ao prestar esse depoimento sobre os 20 anos da Casagaleria Oficina de Arte Loly Demercian e a trajetória profissional de sua idealizadora, fui tomado de um enorme paradoxo: o que falar? Nessas horas, eu gostaria de ser um poeta para dar colorido às palavras; gostaria de ser um visionário e mostrar a arte do possível ou, quem sabe, um humorista e propiciar alegria. Como não sou nada disso, resta-me, como companheiro de quatro décadas, amigo e marido, abrir meu coração.

A trajetória da Loly não foi fácil. De origem simples e com uma força interior inexplicável, venceu preconceitos e barreiras, ingressou no curso de Pedagogia na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Nem poderia ser diferente, ela nasceu para ensinar.

Insatisfeita, sempre inquieta, rendendo-se ao seu talento natural, iniciou sua segunda graduação, desta feita em Artes Visuais na prestigiosa Faculdade de Belas Artes de São Paulo, que cursou com brilhantismo. Seu sucesso foi brindado com o prêmio conferido a jovens artistas pelo ABCA (Associação Brasileira dos Críticos de Arte).

Mas não foi suficiente.

Loly não demorou a perceber que arte e educação caminham juntas e se completam. Foi esse o ponto de partida para o seu mestrado, na Universidade Presbiteriana Mackenzie (2011), que conjugou *Arte, Educação e História da Cultura*.

Na sequência, de forma incansável e com o mesmo entusiasmo, iniciou o doutoramento em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, concluído no ano de 2017, com a apresentação de um projeto curatorial sem precedentes, envolvendo a diáspora do Povo Armênio.

Loly Demercian foi escolhida pelo Conselho de Administração da Fundação São Paulo para conceber e viabilizar um projeto interdisciplinar, envolvendo artes plásticas, dança, teatro, cinema, palestras, tendo por objeto o centenário do Genocídio do Povo Armênio.

Esse bem-sucedido projeto curatorial transcendeu as fronteiras do nosso País e foi laureado nos Estados Unidos da América. A tese de doutorado que dele resultou, foi traduzida, então, para a língua inglesa, dada a importância e significado do tema e a abordagem ampla, com peculiar qualidade e inovação.

Esse preâmbulo da fundadora da Casagaleria Oficina de Arte Loly Demercian - que ainda conta com algumas lacunas - é necessário para se compreender o sucesso empreendido. O saber que ela adquiriu; a apropriação das técnicas e o seu aperfeiçoamento no âmbito acadêmico constituíram

uma força irresistível, admirável e fundamental para a longevidade e sucesso da Casagaleria, que foi concebida para receber, preparar e lançar novos artistas, não raro carentes de oportunidades.

Fiel à sua filosofia, com uma resiliência surpreendente, com paixão, empatia, força e muita doçura, Loly, mesmo perdendo horas preciosas do convívio familiar, vem se dedicando à preparação, orientação e lançamento de jovens valores, fazendo-o de forma livre de preconceitos de qualquer natureza.

A razão do seu sucesso - do qual eu sou uma testemunha privilegiada - mudou a vida de muita gente e resultou, preponderantemente, de três fatores: a habilidade (que é o conhecimento adquirido na academia e na prática); o trabalho incansável (contínuo e disciplinado), além da arte e do talento, que são dons imponderáveis que uns recebem mais ou menos, mas que sobraram para Loly.

Da conjugação desses fatores, mas consciente de que não há verdades absolutas e infalíveis, com muita prudência ela sempre manteve uma boa dose de humildade, que, com certeza, resignou alguns revezes e abriu as portas do convívio humano amplo, sem barreiras, preconceitos e hierarquias. Ciente das palavras de Tristão de Athaide, sabendo que *a primeira condição para ser alguma coisa e não querer ser tudo ao mesmo tempo*, Loly, como agricultora cautelosa, fez seus campos experimentais e só então se arrojou na plantação extensiva, na busca da glória, sem permitir que o pragmatismo do dia a dia matasse seus ideais, dando verdadeiro significado para o seu trabalho.

Aprendeu a liderar; ensinar; apreender; convencer e ser convencida, sempre com pureza de intenção e com muita seriedade, abrindo caminho para centenas de novos valores em mais de oitenta exposições, nessas duas décadas. Ela mudou a vida de muitas pessoas, que, por certo, farão questão de prestar seus depoimentos. Não foi fácil, mas o caminho para outras tantas décadas já está devidamente pavimentado. Parabéns, Loly Demercian, sou seu fã e admirador ! ●



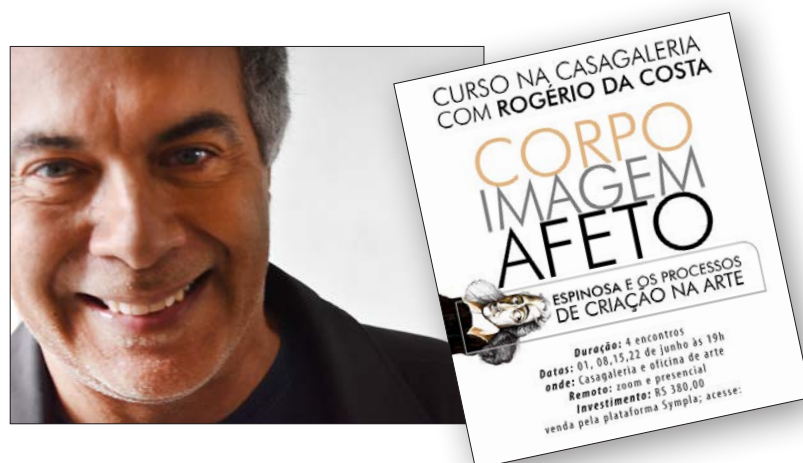
Pedro H. Demercian e Loly Demercian/20 anos

Rogério da Costa

“Celebrando a Arte-Vida”

“Se não me falha a memória”, estávamos em 2013 e a CasaGaleria ainda se localizava na Vila Olímpia. Lolly me convidou para conversar com algumas pessoas, entre artistas e frequentadores da Galeria. Fazia muitos anos não falava para artistas. Meu contato com o mundo das artes em São Paulo não era novo, já vinha desde meados de 1980, quando fiz três conferências sobre Francis Bacon no recém-inaugurado Centro Cultural Vergueiro. Mas naquela noite não falei de arte, ou melhor, falei de uma outra perspectiva, algo em torno da ideia de “arriscar sua vida” ou “jogar sua vida fora”, em relação não apenas aos artistas, mas também ao fato de se ter “uma vida”, como diz Deleuze. Foi a retomada de meu contato com o universo das artes plásticas via filosofia. A partir dali a CasaGaleria se transferiu para a Vila Madalena e passei a frequentá-la com assiduidade. Foram muitas exposições, vernissages, eventos e, igualmente, cursos e palestras. Nesse período, Lolly consolidou um grupo de artistas jovens, que permanecem vinculados até hoje ao espaço. Para muitos deles tive o prazer de dar aulas sobre Espinosa, um filósofo do século XVII que mais parece um artista do pensamento em pleno século XXI. Suas questões sobre o corpo, o afeto, a imaginação e o esforço em perseverar na existência acabam contribuindo de forma inspiradora aos artistas, que exercem, com suas obras, um poder de afetar a imaginação e a sensibilidade de seu público.

Com o esforço, empenho e paixão admirável de Lolly, a CasaGaleria completa, assim, 20 anos de existência, promovendo, a partir de um espaço para apresentação de artistas, um ambiente de propagação da cultura, que celebra a vida e a arte com seus encontros e eventos, numa cidade que precisa de forma urgente resgatar sua sensibilidade para a cidadania. Parabéns pelo belíssimo percurso!!” ●



Rogério da Costa
e convite de curso de filosofia da arte/20 anos

Felipe Goes

Conheci a Loly em 2009, visitando o espaço expositivo da Casa Galeria na Vila Olímpia, antes de se mudarem para a Vila Madalena. Desde o início, tivemos uma forte conexão pessoal e trocas muito estimulantes. Eu havia retomado a prática de pintura em 2008, após vários anos afastado devido à intensa carga de trabalho na faculdade de arquitetura, e estava convicto da minha vocação para trilhar uma carreira como artista. No entanto, eu tinha 25 anos e não fazia ideia de como colocar esse sonho em prática! Passei a frequentar as exposições e aprender com a turma que já expunha e tinha um trabalho maduro.

Absorvi tudo que pude desse ambiente, tanto com artistas quanto com intelectuais que também frequentavam a Galeria. Paralelamente, aproveitava para mostrar o andamento do meu trabalho para a Loly e colher suas devolutivas, até que, numa dessas conversas, surgiu o generoso convite para fazer minha primeira exposição individual, “Corpo da Cor”, que se realizou em maio de 2010 e contou com a curadoria da própria Loly. Desde então, sempre estive em contato com a Casa Galeria, acompanhando com muito interesse o trabalho desenvolvido junto a jovens talentosos e artistas consagrados. Sua contribuição à comunidade artística de São Paulo está mais do que provada e consolidada por meio das incontáveis exposições, debates, apresentações musicais e cursos realizados ao longo desses 20 anos de trabalho intenso. Obrigado por tudo, e parabéns por todas essas realizações! ●



Cartaz da exposição *Corpo da cor*
em 2010/20 anos

Felipe Goes

Rafaella Soares-Bailey

A Casagaleria fez parte da minha história em um momento crucial dela, o fim da minha adolescência. Uma época que eu estava descobrindo o mundo fora da minha bolha. A Loli e a Casagaleria abriram as portas de um novo mundo, onde linhas, formas e cores traziam novos significados e ampliavam meu conhecimento sobre artes e a vida. Foram noites adentro trocando vivências e aprendendo a aprender com quem ama o que faz! Que sorte a minha ter sido parte dessa história! ●



Alex Orsetti

Sempre receptiva a novas ideias artísticas; um lugar para expor com total liberdade criativa. As conversas se estendiam entre artistas, galerista e colaboradores durante e após as montagens de exposições.

Foi assim que convivi com todos na Casagaleria durante alguns anos. ●



Alex Orsetti e Loly Demercianem,
abaixo, Obra em óleo sobre tela/20 anos

Camile Perches

É uma grande honra ser convidada a compartilhar meu depoimento sobre a Casa Galeria e, especialmente, sobre Loli Demercian, em uma data tão significativa: 20 anos de arte e uma trajetória brilhante. Loli Demercian sempre foi uma fonte de inspiração, tanto como mulher, mãe, quanto galerista. Tive o privilégio de conhecê-la em 2007, quando me tornei grande amiga de sua filha Izabella, durante nosso curso de Comunicação em Múltiplos Meios na PUC-SP. A Casa Galeria se tornou uma das melhores memórias dos meus anos de faculdade, e acredito que muitos dos meus colegas compartilham esse sentimento. Loli sempre foi uma pessoa extremamente acessível, com um interesse genuíno pelas histórias das pessoas, suas rotinas, gostos e hobbies. Esse mesmo interesse transbordava na forma como ela se envolvia com a arte: uma curiosidade apaixonada, sem rótulos, julgamentos ou superficialidade, sempre buscando compreender profundamente. Entre 2008 e 2009, tive a sorte de conviver ainda mais de perto com Loli e aprender muito com ela. Como uma de suas assistentes, participei da filmagem de entrevistas com artistas, da montagem de exposições e, claro, dos inesquecíveis vernissages. Ninguém organiza um vernissage como Loli! Já tive a oportunidade de participar de eventos similares ao redor do mundo, mas as vernissages da Casa Galeria têm uma magia única. A interação com os artistas vai além da superficialidade, há uma verdadeira compreensão e conexão com a arte e os artistas, algo raro e profundamente significativo. Hoje, eu Camille Perches, vivo há 12 anos em Amsterdã, nos Países Baixos, e há quatro anos sigo meu sonho com o meu próprio atelier, Mora Approved, onde crio kits de DIY (faça você mesmo), com foco na arte e filosofia japonesa do Kintsugi, que incentiva as pessoas a resgatar objetos e lhes proporcionar uma nova história. Olhando para trás, é impossível não perceber como essa trajetória está ligada à influência de Loli. Loli plantou em mim e em tantos outros uma profunda apreciação pela arte e por tudo que ela representa – e essa semente continua florescendo até hoje. ●



Marina (à esquerda), Camile Perches (ao centro)
e Izabella Demercian (à direita)

Paul Henry Bonneval

A galeria, a casa Galeria. Fui tirado de um trabalho medíocre e perigoso, andando de moto o dia todo, chuva, sol, frio e calor intenso. Foi assim que comecei em uma galeria de arte, caindo de para-quedas. Acho que o que eu tenho para redigir aqui, é só o que eu aprendi, brevemente, nesses 7 anos que trabalhei na galeria. O início foi complicado, como quase tudo na vida, não entendia nada e não sabia se estava no lugar certo, mas todo dia era um dia novo e diferente. Acredito que tudo o que aprendi lá, posso usar até hoje, não só como uso no profissional, como na minha essência. Falo isso pois hoje em dia sou um profissional do audiovisual, que trabalha numa empresa grande e, em paralelo, tem sua mini produtora de audiovisual, e isso tem muito em conexão com muita coisa que vivi e aprendi nesse lugar, pois eu cresci e evolui muito, vivendo arte, escolhendo uma profissão, ouvindo muuuita música, conhecendo muitos artistas incríveis e distintos, muitos viraram amigos, e cada pequena coisa que vivi lá, me faz quem eu sou hoje. Sou grato, é claro, pelas pessoas que sempre estiveram ao meu lado e sempre acreditaram em mim. Foram 7 anos de uma escola que me define hoje. ●



Foto de Paul Bonneval/20 anos

Vivian Sassaki

Eu amei trabalhar na casa galeria. Para mim, foi uma experiência única e maravilhosa. Eu cresci muito lá, aprendi não só coisas relacionadas a arte mas também a área que sigo hoje, que é o financeiro. E eu sempre admirei a Loly, ela é esse tipo de pessoa que você gosta de ouvir porque ela tem amor por aquilo que ela faz. Por causa dela, do exemplo de vida dela, a perseverança, seus estudos, sua visão de vida, e claro sua gentileza infinita e seu carinho por mim fazem com que eu me inspire nela e sou grata a ela até hoje. Agradecida por todo este tempo que passei com ela,

foram 7 anos, entre galeria na Cardoso e o ateliê na Fradique. E digo, que foi a primeira pessoa que vi fazer algo da vida que realmente amava. Eu gosto da visão dela da vida, dos negócios, daquele tão amado espaço. Que ela sempre cuidou com muito amor. Eu sei lá, eu realmente sou agradecida por este tempo que passamos juntas. Podem passar anos mas eu sempre falo, minha chefe Loly, foi a melhor. Eu a amo, a família dela e todo o espaço da galeria. E só desejo que ela cresça mais e mais. Feliz por ela ter aquele espaço, por fazer algo que ama, por ela ser como ela é rs. E por ter feito parte deste sonho com ela. ●



Guilherme Callegari

Tenho um carinho gigante pela Loly e pela galeria, foi onde fiz minha primeira exposição e primeira exposição individual. Loly confiou no meu trabalho e abriu a galeria para mim. Lembro bem da primeira visita a galeria, da montagem da exposição e do dia que fiz uma pintura no vidro da fachada... Loly é uma pessoa com coração gigante. ●

Catarina Rojas Francia

Trabalhar na casagaleria deveria ser uma experiência necessária para todos. Na galeria, através da arte, você se descobre, se desenvolve e se envolve. Comigo, Catarina, foi o meu nascimento para o mundo corporativo, ressurgi como pessoa e mulher, cinco anos dentro de uma escola da vida, e mal sabia eu, que seriam ensinamentos para recheiar a alma, expandir o intelecto, mal sabia a Catarina de 18 anos, que seu mundo viraria de cabeça para baixo e se descobriria uma arquiteta apaixonada pela vida, pelo amor e arte. A Casagaleria me incentivou a sempre ir além, a olhar para o além, levar a vida com leveza e viver a vida ao máximo, a Casageleira me ensinou a ter paciência, a falar e ler palavra por palavra, entender a essência e significado que o artista remetia. A Loly criou uma mulher, na qual ama, na qual sabe sentir, sabe ler tanto palavras, quanto obras, espaços e pessoas, a Loly me fez crítica de arte, com olhar sensível e alma latente. Isso tudo é trabalhar e viver na Casagaleria. ●



Fotos de Catarina Rojas/20 anos

Gabriel Borba



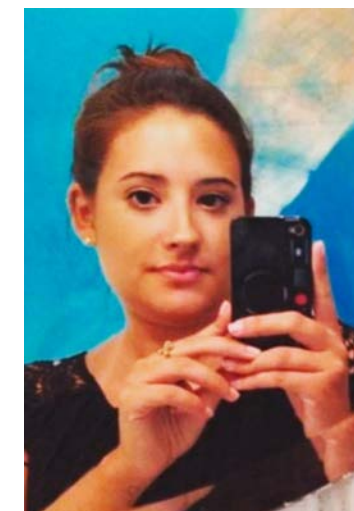
Conheci Loly por volta de 2009 ou antes. Trabalhamos juntos no MAC onde eu era Museógrafo e Loly trazia uma exposição a ser montada. A simpatia mútua foi instantânea e, em 2010 recebi convite para fazer uma exposição na Casa Galeria, endereço antigo. Na ocasião convidei o Paulo Caruso para um bate papo com inscitos que a Galeria chamou de workshop. Discutimos com o público as diferenças entre Arte Gráfica e Artes Plástica. A exposição chamou-se Papéis, Caminhos do Visível título discutido com a Carmem Aranha que dividiu curadoria com Loly. Foi muito boa exposição e os desenhos muito bem apresentados.

Em outra, em 2012, pedi alguma alteração na sala que foi reformada segundo desenho meu e da Loly. A exposição chamou-se Risco Arisco. Apresentei algumas ousadias e tivemos a visita de gente conhecida. Vejo nas fotos Maurício Fridman, Evandro jardim e alguns outros renomes do meio artístico. Participei de outros eventos incluindo uma coletiva onde mostrei vídeo.

Hoje, no novo endereço, o qual visito vez por outra tanto pelo artista apresentado quanto pela roda de conversa que prezo muito, assisto a imersão da galeria no meio de arte de São Paulo e admiro a apresentação de artista novos no circuito de galerias, como eu há anos. Retenho essa memória cujos pontos marcantes compartilho neste depoimento ● Gabriel Borba, 23/12/2024

Izabela Demercian

Não tem como falar da minha vida profissional e pessoal sem falar da CasaGaleria. Foi neste espaço, que é praticamente uma plataforma de encontros, trocas, conversas e criação, que eu desenvolvi meu pensamento crítico. Aprendi que arte é muito além da estética, é também uma ferramenta política, pelo vieses macro e micro. Foi também nessa casa que passei a conviver com a minha mãe, mas num relação que extrapola o ambiente familiar, passei a admirá-la profissionalmente também. Uma curadora amável, que respeita o processo artístico de cada um, mas que não deixa de munir os artistas de muitas referências, sempre plantando a semente da curiosidade e propondo novos desafios. Ela me ensinou empiricamente que o diálogo, a troca de conhecimento, referências e contextos é importantíssimo para curadoria e a orientação artística. ●



Alessandra Mastrogiovanni

N Nasceu em Nova York NY, 30/05/1967. Formação: Escola no Lycée Pasteur de SP; Artes Plásticas na FAAP incompleto. Cursos: MAM desenho c Dudi Mais Rosa; Curso de desenho pela Faculdade de Arquitetura do Porto PT; Curso de escultura e pintura pela Escola Árvore no Porto PT; Curso de cenografia por um ano, pela Central St Martin em Londres; Trabalhou 2 anos c/ vitrinismo c/ a Lila Rensin em São Paulo SP, depois trabalhou fazendo vitrines por conta própria em São Paulo e em Portugal no Porto; Trabalhou com performance e liderava um grupo no Porto PT; Pintura c/ Sérgio Fingermañ São Paulo; Curso de Cenários no Teatro Pirandello SP; Deu aulas de Yoga por 30 anos; Tradutora pra turistas em Bonito MS (francês /inglês) por 2 anos.



Ana Carmen Nogueira

Conheci Loly, em 2008 quando entramos para fazer o mestrado no programa de Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Loly tinha uma galeria de arte na Vila Olímpia, ainda uma mistura de café e galeria. Fomos todos do grupo de mestrado para lá uma noite para conhecer a galeria e nos conhecer.

Daquele primeiro encontro dentro dos primórdios da Casagaleria, muito se transformou. Em 2012 volto a encontrar Loly na Casagaleria, totalmente diferente dos seus primeiros anos. O espaço branco sempre em movimento. Nesse ano participei da exposição coletiva Páginas Pessoais, com a obra “Páginas costuradas”, que foi minha primeira experiência expondo um trabalho. Guardo com carinho essa lembrança. Depois dessa participei de várias coletivas e duas individuais sempre dentro da Casagaleria. Acompanhei a sua mudança para Vila Madalena e as transformações que vão acontecendo dentro do novo espaço.

Nesse momento em que comemoramos os 20 anos da Casagaleria, me lembro da Poética do Espaço de Bachelard que trata no seu capítulo inicial sobre a casa. E assim, penso na Casagaleria poeticamente e fenomenologicamente, e percebo que esse lugar que nos abriga, é mais do que qualquer espaço expositivo por ser uma casa. Ela nos abriga, nos acolhe. Faz com que cada artista tenha algum tipo de conexão com os outros que estão sendo representados por ela. A casa é nosso lugar primordial, é nosso espaço vital, onde podemos criar e nos aventurar. Ela é o nosso universo, o nosso cosmos. A Casa, é o não eu que protege o eu e assim nos fornece condições para pesquisar, descobrir, trocar e criar.

Através das lembranças de todas as casas que habitam a Casagaleria, sempre encontramos um abrigo. Um abrigo da arte, do sonho e do devaneio. Em todas as casas que Loly faz é sempre um lugar para a criação e imaginação.

Aqui sonhamos e transformamos nossos devaneios em arte.

Parabéns, Loly. Parabéns, Casagaleria.

● Doutora e Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2010). Artista, Arte/Educadora, Arteterapeuta. Atua na formação de educadores na área de Arte, Inclusão, Acessibilidade Cultural e Arteterapia. Graduada em Educação Artística pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP, 1981), possui Pós-graduação/especialização em Educação Especial pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID, 2004) e Arteterapia pelo Centro Universitário FIEO (UNIFIEO, 2007). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Mediação Cultural: contaminações e provocações estéticas. Atua em arteterapia e pesquisa com pintura encaústica no Ana Carmen Nogueira Ateliê de Artes. Professora do curso de pós-graduação em Reabilitação Artística do Instituto Faces e Arte Reab. Artista Associada da Associação Internacional Americana de Arteterapia AATA. Faz parte da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo (AATESP) e é membro do conselho editorial da Revista Científica AATESP. Diretora no Brasil da Semana de Arte e Saúde do Sul Global GSAHW 2023



André Bonani

É artista plástico e educador. É doutorando em Processos e Procedimentos Artísticos no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (IA-UNESP), onde também é professor de gravura e processos gráficos. É mestre em Linguagens, Mídia e Arte pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), onde foi bolsista integral por mérito acadêmico (2018 - 2020). cursou desenho e colagem no Instituto Tomie Ohtake, onde também foi bolsista integral (2016). Desenvolve pesquisa em gravura no campo expandido no Atelier Piratininga, onde é artista residente desde o 2º semestre de 2022. É pesquisador membro do grupo “Artecolapso: imagens praticáveis do mundo”, coordenado pela Profa. Dra. Renata Pedrosa Romeiro e pelo Prof. Dr. Gustavo de Moura Valença Motta, vinculado ao Instituto de Artes da UNESP. É idealizador do projeto de arte-educação “Gráfica Experimental”, oficina coletiva de experimentação em artes gráficas que itenera por diversas instituições culturais e atualmente está no ateliê de gravura do Sesc Pompeia. Foi artista residente no Complexo Industrial do Olho de Boi, em Almada, Portugal (2020), a convite do artista Rui Soares Costa. Realizou no Atelier Piratininga, em maio e junho de 2024, a exposição “O eco de antigas palavras”, sua primeira individual, com textos de Agnaldo Farias e Ulysses Bôscolo. Seu trabalho já foi visto em exposições coletivas, feiras e ateliês abertos - Espaço Vitrine (2018); Galpão Comum (2021); Atelier Piratininga (2022); Ateliê 3 (2022); Massapê Projetos (2023); IA-UNESP (2023); Lux Espaço de Arte (2023); Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba (2023); Museu de Arte de Ribeirão Preto (2024); SESI Itapetininga (2024). Seu trabalho está presente em coleções privadas e públicas - galeria Gravura Brasileira; projeto Acervo Rotativo. Teve trabalhos publicados em revistas especializadas em artes visuais, como a Revista Uso (2022) e a Revista Têmpera (2022). Recebeu certificado de mérito artístico concedido pela Pinacoteca do Grão-Ducado de Luxemburgo (2021). Foi assistente da artista plástica Adrienne Gallinari (2016). Tem experiência como ilustrador no mercado editorial, tendo colaborado para diversos meios, como o jornal Folha de São Paulo, a 5ª Bienal de Psicanálise e Cultura de Ribeirão Preto, a Dolores Editora e a Editora Grande Área. Foi finalista no Concurso do Cartaz no 30º Prêmio Design Museu da Casa Brasileira (2016). Tem artigos publicados em periódicos acadêmicos, como na Revista Gama, do Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2019-2020). Participou de eventos acadêmicos na área de artes plásticas, como seminários, congressos e bancas de conclusão de curso. É professor particular de educação artística, artes gráficas, história da arte e orientador de processos criativos em artes plásticas. Ministra oficinas e cursos livres em escolas, faculdades e instituições culturais. Vive e trabalha em São Paulo.



André Miagui

Comecei a frequentar a Casagaleria em 2022, onde percebi o carinho que a Loly, curadora da galeria, lida com os artistas e a sua devoção com a galeria e seus processos, aprendi muito sobre o sistema da arte e de como devo me posicionar. O meu diálogo sobre meus trabalhos evoluiu dentro das inúmeras conversas que tive com nossa professora Loly, tenho um carinho enorme pela Casagaleria e a todos que compõe o time, que também faço parte. Espero retribuir, com amizade, afeto, gentileza e trabalhos, estes anos de muita importância para minha carreira!

● iniciou suas produções em 1999 e escolheu o giz pastel como seu principal material, com sua pesquisa focada e suas obras inspiradas na famosa arte clássica europeia.

Atualmente, dedica-se a guiar o público pela história da arte e a provocar reflexões sobre o uso da internet, abordando a era digital de forma crítica. Na coleção Zeitgeist, inspirada no tema 'espírito do tempo' do filósofo Hegel, a pesquisa busca modernizar o passado, apresentando ao público momentos de maestria de pintores de uma era sem internet.

Para suscitar essa interpretação, ele coloca uma placa-mãe de computador sobre os olhos, simbolizando um local onde o presente se estende para as memórias, percepções e imaginação, projetando-as em formas como a história da cultura visual molda a cultura humana, e dentro dessa placa-mãe reside essa memória universal. Mais intrigante, na obra 'O Nascimento de Adão,' é o homem que usa a placa-mãe sobre os olhos, não seu criador, e em outra peça, com várias aves selvagens, os olhos dos pássaros estão abertos enquanto descobrem e levantam a placa-mãe como um troféu. O adorno pode tanto vestir para proteger um indivíduo, concedendo poder e força, como o excesso de ornamentação pode retirar a personalidade. A pergunta permanece: espírito do tempo? Este é o tempo que Miagui nos incita a considerar na arte, ciência, técnica e tecnologia longo de todas as épocas da civilização humana, da Antiguidade, Idade Média, Renascimento até o alvorecer da modernidade e a era digital, tudo enraizado na natureza enciclopédica do conhecimento. Bibliotecas, antes imaterializadas, agora são corporificadas nos fluxos digitais de arquivos pessoais, compartilhados em redes.



Antônio Cavalcante

Conheci Loly Demercian e a Casagaleria em 2019, após um percurso autônomo e desafiador no ecossistema de feiras e exposições de Arte em São Paulo, capital, e desde a primeira interação, pude ver como é um privilégio, um enorme aprendizado e de extremo valor estar aos auspícios de uma Curadora Profissional e uma Galeria de arte plural, eclética e não apenas artística, mas, igualmente acadêmica em sua natureza. Loly recebe seus artistas não apenas como integrantes estáticos de um coletivo, mas como partes intrínsecas de um grupo de colaboradores, de alunos com liberdade experimental e especialmente, como amigos. Não há, como por muitas vezes ocorre, uma ingerência nas estéticas a autoridade pessoal, por mais diversas que possam ser, mas, na verdade, um estímulo a experimentação, ao percurso típico de cada um e a busca pela poética genuína de cada artista. Há uma atenção às tendências e pautas de mercado, mas não às custas de uma brecha com o que temos de mais genuíno em nossas obras, e de forma mais importante, seja na espacialidade das exposições, ou na semântica de suas propostas, as mostras exibem um lirismo sempre único e narrativo, embasados na própria fundamentação teórica disposta pela curadoria. Como artista figurativo, de um surrealismo metafísico, me vi ao lado de artistas abstratos, conceituais, de mídias diversas, dentre tantos outros sempre em um ambiente de interface, debate e trocas dentro e fora da Galeria. O Grupo 7+ me proporcionou memórias e amizades que não poderia ter de outra forma, tendo vindo do interior do Estado para a capital há 8 anos, e preencheu meu currículo com ocasiões de valor simbólico, humano e estratégico com editais públicos de fomento à cultura e diversas exposições coletivas, por exemplo, em âmbito do disputado PROAC. Igualmente, mantendo eu uma trajetória acadêmica, encontrei em Loly uma mentora humanista e colega no âmbito da produção teórica, podendo dividir com ela congressos, seminários, publicações e simpósios que enriqueceram minha trajetória e aprendizado para além das artes, inclusive com canais internacionais. Esse traço acadêmico, além da experimentação e diversidade intrínseca de estéticas é um fator enormemente distintivo da Casagaleria ante as demais de São Paulo, e atesta sobre seu ambiente não apenas de expressão cultural, mas de pesquisa e aprendizado. Minhas palavras, nisto, são de agradecimento pela acolhida, de mim e das minhas obras, e pelas amizades que Loly e a Casagaleria me proporciona nessa jornada, saudando aqui esses 20 anos que corroboram à sua qualidade e relevância em um meio tão desafiador e competitivo, onde serão certamente os primeiros de muitos mais.

● **Artista Visual, Cientista Político e Pesquisador com formação na área de Letras e Linguística.** cursou estudos de graduação no Brasil (USP/UNESP) e no Exterior (University of Georgia), concluiu Mestrado Acadêmico em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, como pesquisador do CNPq. Como artista, participa de Salões Regionais de Arte desde 2013. Já em São Paulo, continuamente aos projetos de comunicação, atua na organização de eventos culturais em 2018 e em 2019 inicia exposições em Galerias de Arte e Mostras Artísticas. É secretário do Grupo de Estudos sobre Proteção Internacional de Minorias, vinculado à Faculdade de Direito da USP, ao Caeni e a Escola de Diplomacia Científica e de Inovação, InnScid USP, vinculada ao Instituto de Relações Internacionais. Possui experiência em mídias tradicionais e digitais que espalham do desenho, óleo sobre tela, aquarelas e acrílica até arte digital. Seus motivos recorrentes tratam de releituras mitológicas, da problemática da linguagem e da cognição, bem como do poder político e suas inflexões sociais.



Azeite de Leos

Conheci a Loly e o espaço da CasaGaleria em 2018, visitando a exposição da amiga Raphaëlle Faure-Vincent. Conversamos e compartilhamos algumas impressões sobre arte e arte educação. Logo, Loly mostrou-se interessada em conhecer minha pesquisa e trabalhos visuais.

Algumas semanas depois, retornei na galeria para uma conversa, para mostrar as pesquisas, alguns trabalhos e produções da Residência Artística na Cité Internationale des Arts – Paris. Foi uma conversa muito boa e acolhedora. Sem hesitar, Loly fez o maravilhoso convite para realizar uma exposição individual, que viria a chamar MUR/MUROS.

Desde então, tenho participado de exposições coletivas e realizado exposições individuais. Conhecendo pessoas e convivendo com a comunidade artística.

A CasaGaleria é a casa, espaço e lugar onde conflui diálogos e reflexões, que acolhe minhas ideias, minhas pesquisas, expressões visuais e sonoras.

Obrigado pela oportunidade, carinho e confiança.

Viva os 20 anos de CasaGaleria!

● Vive e trabalha na cidade de São Paulo

Artista plástico, ilustrador e educador. Mestre em Poéticas Visuais pela FASM (Faculdade Santa Marcelina) onde realizou a pesquisa “Narrativas Cotidianas”. Formado pela FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado) concluiu o curso de bacharelado com a monografia “Monotipia, um processo criativo”, e de licenciatura com o projeto de intervenção educacional “Eu no desenho”. As relações entre o desenho e a escrita são a base da sua pesquisa artística, assim como, sua produção plástica focada em processos de impressão e construção da imagem. Participou do Programa de Residência Artística Cité Internationale des arts Paris: pela Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP em parceria com Cité Internationale des arts em Paris. Realizou exposição individual “Entre Processos” na galeria Jaqueline Martins. Participou de diversas exposições, tais como: “Um livro sobre a morte” Museu Brasileiro da Escultura – MUBE, ABERTO 10 em Uberlândia – MG, “Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo” – SP, “Salão Luis Saciloto de Santo André” prêmio aquisição, “34º Anual de Arte da FAAP”, “4º Salão de Americana” prêmio revelação e a “Chapel Art Show”. Ilustrou revistas e livros infantis como a “Declaração Universal do Moleque Invocado” de Fernando Bonassi, “Historinhas Malcriadas de Ruth Rocha e “Ana está furiosa” de Cristine Nosthlinger. Atua como educador em oficinas, instituições, escolas e palestras. Realizou trabalhos em setores educativos de museus e exposições temporárias como, SESC-SP, MAB-FAAP, Museu da Imagem e do Som (MIS), Itaú Cultural, e, desenvolveu trabalhos como supervisor e tutoria do curso de ensino a distância na formação de professores em arte contemporânea oferecido pela Fundação Bienal de São Paulo, Supervisão e assistência de educadores para Educativo da Fundação Bienal de São Paulo na exposição 30ª Bienal de Arte de São Paulo. Integrou a equipe CE CEDAC realizando formações em artes nos projetos da instituição. Integrou a equipe de educadores do programa Fábricas de Cultura realizando ateliês de criação em artes visuais. Atualmente é professor de artes no 1º ano do Ensino Médio Técnico e do Ensino Fundamental II do Colégio Módulo.



Bruna Rinaldi

Santos, vive em São Paulo. Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em Artes Plásticas pela Escola Panamericana de Arte e Design, atualmente realiza pós-graduação no Instituto Dasein em Psicologia Fenomenológica e Hermenêutica. Artes e Psicologia são duas paixões que sempre se cruzaram em sua vida e se transformaram em um grande desejo de aliar a arte a seu cotidiano profissional, podendo pensar o fazer artístico como uma ferramenta de apropriação e conhecimento de si mesmo. Sendo assim, temáticas que permeiam a psicologia fenomenológica como reflexões sobre o tempo, espaço e a dinâmica das relações humanas no mundo contemporâneo, são algumas de suas principais linhas de pesquisa. Fazendo uso de fotografias, instalações, monotipias para materializar e assim, expressar, as emoções mais introspectivas, como a sensação de vazio e solidão.



Carlos Evangelista

Carlos Evangelista (1986) nasceu, vive e trabalha em Ribeirão Preto. É artista visual e atua como montador de exposições. Realizou exposições individuais e coletivas, entre elas: Escreve a visão sobre tábuas para que possa ser lida com facilidade (Centro de Arte Contemporânea W, 2022), Olhares (Instituto de Estudos Avançados USP, 2022), Des-conhecidos (Sala da Praça, 2021), Cotidiano (Sala da Praça, 2018), Cotidiano (Sala da Praça, 2017), Criação e criadores (Sala da Praça, 2016) e Street View (Sala da Praça, 2015). Realizou exposições coletivas, entre elas: 2a edição do Mês da Consciência Negra da OAB Ribeirão Preto, organizado pela Comissão da Igualdade Racial, 2022 47° SARP, 2022 46° SARP, 2021 Direitos plurais (SESC, 2020) Pequenos formatos (Instituto Figueiredo Ferraz, 2018) Pre-tanos (Centro de Arte Contemporânea W, 2018) Coletiva do Ateliê da Praça (Sala da Praça, 2013) Coletiva do Ateliê Geraldo Lara (Museu Marcelo Grassmann, 2012)



Claudio Barros

Loly. Eu a conheci há pouco mais de um ano, um relacionamento profissional através do artista Marcus Vinícius, amigo em comum. O primeiro contato foi numa visita à Casagaleria, em seguida ela visitou meu ateliê. A partir daí houve uma identificação com meu trabalho e começamos a trabalhar. Loly se mostrou entusiasmada, animada e feliz em trabalhar comigo. Aos poucos fui percebendo que essas eram características de sua personalidade, sempre muito leve, afetuosa, curiosa e disposta a fazer tudo para tudo dar certo. Sua Casagaleria se abria, ou se abre para ser a Casa também dos artistas com quem trabalha e faz questão de que todos se sintam em casa. Fui descobrindo aos poucos que Loly tem uma longa trajetória como artista, animadora cultural e marchand, interessada, além da arte, em filosofia, psicanálise e História da Arte, incentiva seus artistas a se manterem estudando, fazendo cursos, e interagindo uns com os outros, o que é muito saudável. Neste contexto, está sempre criando e abordando questões pertinentes nas exposições e eventos que promove. Loly é uma profissional que traz o afeto para tudo o que faz, e transforma permanentemente seu ambiente dinamizando o cotidiano em desafios amorosos e instigantes. Ela não para. Feiras de arte, sites de contatos, portais internacionais, publicações etc. Gosto demais de fazer parte de seu time. As relações profissionais são sempre muito respeitadas, éticas e afetivas, além de tudo, sinto em Loly uma profunda amizade. E tenho certeza que esses vinte anos que comemoramos da Casagaleria semeiam frutos para mais vinte. Assim espero buscando colaborar.

● Nascido no Rio de Janeiro, residiu em Ouro Preto, MG entre 1982 e 1984. Iniciou sua formação artística na Escola de Arte Aluno Rodrigo de Melo Franco de Andrade da Fundação de Arte de Ouro Preto, tendo como principais professores e interlocutores Anna Amélia Rangel - Gravura em Metal, Paula em importantes cursos intensivos oferecidos pela escola. Ainda em Ouro Preto conhece o artista Carlos Scliar e como discípulo frequenta seu ateliê. Dessa relação formou-se uma sólida amizade.

Em 1985 estabeleceu-se em São Paulo, e em paralelo com a pintura desenvolveu uma carreira na arte educação, entre os principais projetos que participou estão o Setor Educativo da Bienal Internacional de São Paulo nas 18a, 19a e 21a edições, Projeto Enturmando da Secretaria do Estado do Menor, Escola Municipal de Iniciação Artística – EMIA de Santo André, ministrou oficinas artísticas e terapêuticas no CAPS Diadema, foi membro fundador da Cooperativa Paulista de Artistas Educadores – CPAE, ocupando a Presidência, além de diversos outros projetos na área.



Eliane Matos

Nasceu em Santos e se formou em Design de Moda. Teve um ateliê de criação de bolsas e acessórios e continuou a ampliar suas habilidades artísticas com a formação em Artes Plásticas. Utiliza técnicas mistas, com tinta acrílica, fotografia, colagens e materiais têxteis para expressar sua poética, que olha para conteúdos que transitam na espiritualidade, na busca do auto conhecimento, no despertar da consciência divina e a na reforma íntima. Caminhos que ela trilha e que inspiram suas obras.

“Sinto surgir uma nova versão de mim, deixo para trás velhas histórias e passo a viver uma dimensão mais elevada dentro dessa espiritualidade que me acompanha desde criança. O velho mundo está partindo a cada dia, o tempo ficou mais curto, sombras vindo à tona e velhas estruturas se desmoronando. Trago minhas cores para representar as energias mais elevadas da esperança, amor e alegria. Um novo tempo está bem diante dos nossos olhos agora, nessa transição planetária.”



Eron Teixeira

C om seus 70 anos de “estradas”, muitas estradas percorridas pelo Brasil a fora, o artista Eron Teixeira permanece irrequieto em sua decisão de viver de arte.

Nascido em Belém do Pará, em plena Amazônia, Eron fez de sua vida uma jornada criativa pelo país. Em sua juventude, após observar reproduções de pinturas do artista francês Paul Gauguin expostas numa banca de revista da cidade, se dedicou intensamente a pintura. Ainda sem fundamentos teóricos e movido apenas pelo prazer de pintar investiu todos os seus poucos recursos na compra de suas primeiras telas, tintas e pincéis.

Ao completar 25 anos recusou uma proposta patriarcal de emprego burocrático em São Luís do Maranhão e seguiu para a cidade de Fortaleza, para reafirmar a convicção de que as artes plásticas eram a sua razão e destino. Na capital do Ceará manteve contato com marchands e compreendeu que podia comercializar os seus trabalhos e manter uma vida sóbria, mas com intensa produção artística. Antes de se estabelecer novamente em Belém, onde constituiu família e permaneceu por 30 anos, Eron residiu em Petrópolis, Parati, Salvador e Recife, “sempre pintando”.

No período que esteve em Belém realizou exposições em galerias importantes como a individual realizada em 1988 na concorrida e histórica galeria Angelus, localizada no espaço térreo do Teatro da Paz. Seus trabalhos também foram expostos na Galeria Debret, no Salão Paraense de Arte Contemporânea (SPAC) e em exposições coletivas ligadas ao circuito de arte da cidade.

Após “ver os filhos criados”, o irrequieto e produtivo artista paraense se lançou novamente nas estradas do país seguindo para Porto Alegre (RS) onde morou, produziu e participou de exposições em galerias particulares até decidir que iria se estabelecer em São Paulo. Na capital paulista, onde reside atualmente, longe dos modismos e de assumir uma postura de “artista em final de carreira”, Eron desafia todos os prognósticos e se mantém ativo como nunca, pintando e expondo como um artista contemporâneo na plenitude de sua existência.

Ao chegar em São Paulo fiquei percorrendo muitas exposições e sempre pensando onde poderia expor minhas pinturas... e visitando museus e galerias e sempre falando baixinho com Deus, um belo dia encontrei a Casa galeria_oficial alí na Fradique e conheci a Loly Demercian, então levei umas pinturas e Loly me disse : Eron tô muito ocupada, mas quando der vou olhar com carinho. Depois de algumas veio a resposta : Eron gostamos do seu trabalho” e fui convidado para a exposição de fim de ano em 2022 . De lá cá tenho participado de feiras de arte , leilões e exposições e tem sido muito gratificante nossa parceria. Vida longa à Casagaleria_oficial em seus 20 anos” e parabéns à Loly Demercian por garimpar o melhor da arte contemporânea em São Paulo e parabéns pelas incríveis curadorias e exposições que você tem oferecido nesses 20 anos à cidade de São Paulo .



Felipe Zorlini

Felipe Sanchez Zorlini nasceu em São Paulo, em 1990. Desde a infância, esteve envolvido na vida de seu avô pintor, passando tempo no ateliê, cercado pelos aromas de terebintina e óleo de linhaça, que fizeram parte de sua rotina enquanto crescia. Em 2014, formou-se arquiteto pela Escola da Cidade, em São Paulo, e dois anos depois mudou-se para os Estados Unidos, estabelecendo-se na cidade de Nova York, onde reside até hoje. De 2017 a 2022, trabalhou como assistente de arte no ateliê da artista multimídia Sarah Morris, onde aprendeu a técnica de pintura com fita adesiva



Gaya Rachel

Nasceu em 1989 em Brasília. Formou-se em Pintura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhou como assistente da artista Ana Linne-man e da historiadora da arte Catherine Bompou-is no Rio de Janeiro. Atualmente, mora em São Paulo e trabalha como assistente de ateliê da artista Anna Maria Maiolino, onde também participou do grupo de estudos da Escola Entrópica, no Instituto Tomie Ohtake. No campo das artes cênicas, atuou como diretora de arte da peça “Mandé”, do grupo Dembaia, no Rio de Janeiro, e como diretora de arte do curta-metragem “ELEKÔ”. Integrou a Cia. de Teatro Volante, atuando na peça “Panidrom”. Na arte performática, realizou o espetáculo “CRÍVEL” no Rio de Janeiro em 2013; participou do espetáculo “Aí que preguiça!” em 2014, parte da obra “Escultura para o Rio” de Waltércio Caldas; em 2019, interpretou “Al di là di”, de Anna Maria Maiolino, em Milão; e “Banquete aos nossos; barriga cheia” e “Calma” no Instituto Tomie Ohtake em São Paulo. Já expôs seu trabalho em mostras individuais e coletivas em São Paulo, Rio de Janeiro e Botucatu, SP



Giuliano Montijo

Brasileiro nasceu em São Paulo, SP, em 12 de dezembro de 1979. Formado pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), 1999 / 2003, Bacharelado em artes plásticas. (Banca: Curadoria de Lisette Lagnado). Formado pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), 2004, Licenciatura em artes plásticas. Workshop de graffiti Rui Amaral, 2002. Oficina de Stencil Mônica Nador, 2002. *inktree Portfólio NFTs / Redes Sociais: https://linktr.ee/giu_nft*

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 33ª Anual de Arte, FAAP / 2001 – Sendo contemplado com o prêmio de aquisição (Bolsa estudo de 90%);
- Labor / 2002 – São Paulo, SP;
- 34ª Anual de Arte, FAAP / 2002 – Sendo contemplado com o prêmio de aquisição (Bolsa estudo de 90%);
- Exposição “Modos de Usar”/2003 (Curadoria de Lisette Lagnado), Galeria Vermelho, S. Paulo, SP;
- 35ª Anual de Arte, FAAP / 2003 – Sendo contemplado com o prêmio de aquisição (Bolsa estudo de 60%);
- Projeto Anita Malfatti, FAAP / 2004;
- Galeria Baró Cruz, Exposição TRANSVERSAL / 2004;
- 1º Encontro paulista de malas – MALA (Movimento Artístico Liberdade na Arte) - Memorial do Imigrante-São Paulo / 2004;
- 1º Encontro nacional de malas – MALA (Movimento Artístico Liberdade na Arte) – Conj. Nacional – São Paulo / 2004;
- Programa anual de exposições, CCSP / Centro Cultural Vergueiro, São Paulo / 2005;
- SP arte, Feira internacional de arte moderna e contemporânea - Pavilhão da Bienal – São Paulo / 2005;
- Galeria Croix Baragnon – projeto JAMAC Toulouse, França/2005;
- Festival Rio Loco – projeto JAMAC Toulouse, França/2005;
- Rumos Itaú cultural – São Paulo/2006;
- Bienal de Havana – Cuba/ 2006;
- Bienal Paralela, Prodam, São Paulo, SP/2006;
- Projeto Studio – Galeria BAROCRUZ, São Paulo/2007;
- Néó – Tropicália – When Live becomes Form. Tokyo, Japão/2008;
- When Lives Become Form - Hiroshima City - Museum Of Contemporary Art, Hiroshima. - 2009.
- 41ª Anual de arte FAAP / 2009;
- Sala de jogos – Centro cultural do nordeste brasileiro – CCBNB – Souza/PB/2010;
- Sala de jogos – Centro cultural do nordeste brasileiro – CCBNB – Fortaleza/CE/2010;
- “Com Afeto, Rio” - Galeria Oscar Cruz (Inauguração) – Agosto 2010;
- Pixel Skull Art Collective, New York, 2022;
- VERNISSAGE // Pixel Skull Art Collective - Frankfurt, Germany, 2022;
- @MecenateFineArt Exhibition, Rome, Italy, Oct. 21-2022;
- BLOCKCHAIN FUTURIST CONFERENCE; AUGUST 9 - 10, 2022 - Toronto, Canada Canada's Largest Cryptocurrency & Blockchain Event;
- #NFTSP, Museu da Imigração - SP, 2022;
- The Haunted Maze is a spatial Gallery/Maze, 2022;
- @recycletheland Gallery: @giu_nft - Sculptural Event, spatial.io, 2022;
- NFT discussion, “Empreendendo na WEB3”, artista convidado, 2023;
- Exposição coleção Montijo Gallery, <https://oncyber.io/montijogallery>, 2023.



Gonzalo Fonseca

Ceguei ao Brasil em 2010 vindo da Colômbia onde havia feito algumas exposições e agora as coisas estavam mais complexas na por lá, e com a esperança de encontrar espaço para o meu trabalho vim para cá. Nos primeiros meses em Santos SP conheci algumas pessoas e também fui a São Paulo, a grande metrópole da arte. Tinha comigo um CD com fotos dos meus trabalhos e de exposições. Visitei alguns centros culturais, museus e galerias, todos foram muito simpáticos e em cada um deles deixei um CD na esperança de que alguém se interessasse pelo meu trabalho. Enquanto esperava uma resposta, consegui fazer uma exposição em Santos, onde me instalei e continuei pintando em um prédio abandonado que pertencia a uma igreja; Havia algumas salas enormes com todo tipo de coisas velhas e coisas acumuladas que a igreja não usava mais. Era um tanto decadente e estranho pintar naquele lugar, mas eu não tinha outro espaço no momento. Meu objetivo era continuar desenhando e pintando porque é a única ferramenta que tenho para continuar tendo estabilidade emocional. Um dia recebi um email da Casa Galeria Café dizendo que se interessaram pelo meu trabalho, aquilo foi sensacional, nem acreditei, e me convidaram para conhecer a Galeria e falar um pouco mais sobre meu trabalho, quando conheci Loly ,foi muito especial, porque que ela reconheceu que estava ao lado de um artista, conversamos e ela me deu alguns meses para desenvolver uma exposição individual, foi ótimo, me motivou muito e o mais extraordinário é que ela não definiu nenhum parâmetro para fazer a exposição, eu já tinha recebido algumas propostas, mas todos queriam que eu pintasse seguindo algum padrão imposto ou algum tema, com a Loly foi diferente, ela respeitou minha liberdade de expressão, acompanhou o processo e fazendo a curadoria, em nenhum momento ela quis dirigir meu trabalho, pelo contrário, ela encontrou palavras para realçar os traços que apliquei na tela, isso foi muito especial! E desde então temos tido uma relação muito boa e a Casagaleria está sempre interessada nos meus processos de criação e convida-me a participar quer para prestigiar as exposições, quer também para participar em processos expositivos colectivos e individuais que ela organiza, apresenta emissoras e canais para poder continuar produzindo e ter um diálogo ativo com outros artistas e o público em geral. A única coisa que eu queria era morar mais perto para poder interagir mais com quem frequenta a Casagaleria, mas escolhi desde o início morar em Santos e agora tenho algumas construções sociais aqui que me impedem de ir morar em São Paulo, Só quero agradecer à Loly Demercian e a toda a sua equipe pelas oportunidades e espaço que me ofereceu nesses 14 anos que a conheço e espero continuar fazendo parte do projeto de galeria que ela deseja executar nos próximos anos, *Feliz 20 y que viva el arte...*

●Gonzalo teve formação na Escola de Artes Visuais Pierre Moor (Suíça), onde ganhou bolsa de estudo. No ateliê Pierre Moor aprendeu as técnicas de pintura e escultura. Expôs na Suíça, Colômbia, Itália, Santos, São Paulo naCasagaleria Loly Demercian e, agora, apresentará novos trabalhos na Galeria Gourmet, em São Paulo, no período de 22 de Maio a 20 de junho de 2014.



Marcia Santos

Desde criança, tenho uma grande paixão por canetinhas e também adoro observar o céu. Eu cresci no interior e minha cidade era rodeada pela Serra da Mantiqueira, uma paisagem maravilhosa em sua grandiosidade. Eu percebo meus primeiros trabalhos totalmente influenciados pela sinuosidade da Serra. Aquela paisagem, além do deslumbre que era o céu e suas cores dominaram meu imaginário por bastante tempo.

Depois de um tempo morando em São Paulo, quando terminei o curso de Artes Plásticas na Escola Panamericana de Artes e entrei na Faculdade Belas Artes de São Paulo, eu morava em um prédio no sétimo andar e tinha uma bela paisagem, tanto de prédios quanto do Ibirapuera, Obelisco e redondezas. Naquele período, as janelas e as linhas passaram a povoar minhas idéias, tanto as linhas visíveis, como as invisíveis, as possíveis e imaginárias, as energéticas, eletromagnéticas, as de pensamento, as linhas em suas diferentes espessuras, grafismos, técnicas, as linhas e suas infinitas possibilidades e significados.

As camadas de sobreposição que eu também fiz bastante uso, remetiam à passagem do tempo e também ao invisível.

O tempo passou e minha vida mudou totalmente.

Eu me divorciei e tive que mudar de planos por um período e como tenho origem de família de cozinheiras, trabalho também como Chef de Cozinha.

Mas confesso que apesar de gostar muito de cozinhar, minha grande paixão é a arte, onde encontro a plenitude, onde me conecto com meu eu mais profundo.

Ultimamente minha busca espiritual tem influenciado grandemente minha arte, e na observação da Natureza encontro inspiração e conexão com o cosmos, parece que quando observamos com calma e paciência, tudo está mesmo conectado.

Eu penso o mundo em infinitas janelas de acontecimentos que se sucedem sem que possamos capturar, e os céus representam perfeitamente a efemeridade dos acontecimentos.



Matheus Carmanhani

Nascido na capital de São Paulo em 1995, é artista visual, possui uma trajetória na pintura e atualmente explora o campo tridimensional, em obras de madeira. Seu trabalho explora algo que o artista denomina de dualidades limítrofes. Esculturas articuláveis, peças que tensionam as qualidades contrastantes das matérias e obras que habitam um limiar entre o abstrato e a figuração. Intersecções. Da madeira, do aço, do acrílico e suas relações. Propõe diálogos e embates entre as formas, que se encontram num espaço ambíguo, de contemplação visual e de tentação tátil.



Marietta Toledo

Conheci a Loly em 2005, nossa! Muito tempo se passou desde então. Na época a minha prática artística convivia com o trabalho de gestora de produtos em uma instituição financeira. Quando conheci a Loly, estava produzindo desenhos figurativos, com uma técnica, obsessiva, de retirar a tinta da tela. Mas, como conheci, a Loly Demercian? Foi por meio de uma amiga, a Luciana, ela ficou sabendo, por outra amiga, que uma galeria de arte, recém-aberta estava selecionando artistas para uma exposição individual.

Quando recebi a notícia fiquei muito animada! Já tinha participado de exposições, mas, individual havia feito somente uma, que fazia parte de um circuito de exposições do Maria Antônia. Então enrolei minhas pinturas-desenhos e lá fui eu falar com a Loly Demercian.

Ela foi muito receptiva e para minha felicidade, decidiu que iria fazer a minha exposição inaugurando a abertura da galeria com a primeira exposição individual de uma artista. A exposição gerou também workshops na galeria. Desde essa época, ou, na verdade, sempre, a Loly se mantém fiel à área educativa, e a disseminação de conhecimento. Na minha opinião é uma das características mais fortes dela querer sempre ensinar e aprender. A partir de 2016, praticamente dez anos depois, consegui finalmente me dedicar exclusivamente às artes visuais. Em 2018 eu e a Natasha, uma colega da turma da pós-graduação, montamos uma exposição a partir de nossos processos e temática de nossa produção artística: “Um Convite à Convivência”. Agora, imagine a coincidência! A galeria em que fizemos a exposição estava localizada na Vila Madalena, a uma quadra da Casagaleria, que havia mudado de endereço recentemente. Na época em que conheci a Loly a galeria ficava na Vila Olímpia.

E um belo dia, na verdade, um lindíssimo dia, a Loly foi até a exposição me ver, pois tinha recebido o catálogo por outro artista da Casagaleria que estivera na exposição. Eu imediatamente a reconheci, ela não tinha mudado nada nos últimos dez anos: cabelos longos e pele bronzeada. Ela me perguntou se eu lembrava dela, sim, pois já fazia mais de dez anos que não nos víamos!

Me emociono enquanto escrevo e me recordo de nosso reencontro. Dizem que não existem coincidências, mas sim uma conspiração do destino para que nossas vidas se encaminhem na direção que precisamos para realizar nossos objetivos. E foi assim que o “destino” fez com que eu e a Loly nos reencontrássemos e construíssemos uma ligação verdadeira e duradoura desde então.

A galeria Casagaleria e Oficina de Artes Loly Demercian é muito mais do que uma galeria como o próprio nome diz é uma oficina de artes e uma geradora de diálogo entre os artistas.

Lá nos encontramos, conversamos sobre processos e trabalhos, fazemos exposições coletivas, workshops e participamos de projetos expositivos fora da galeria, sempre com a atuação e incansável força da Loly como orientadora e curadora.

Parabéns, Loly Demercian! Tenho certeza de que o aniversário de 20 anos da Casagaleria será um marco na lembrança do passado e na visualização de um futuro brilhante a frente!

● Licenciada, em 2006, em Artes Visuais pela Fundação Armando Alvares Penteado-FAAP, São Paulo. Em 2018 concluiu a pós-graduação em Práticas Artísticas Contemporâneas na mesma instituição, resultando na publicação de “A Repetição como Medida de Tempo” e da exposição coletiva “É um solo que os outros acompanham” no Museu de Arte Brasileira – MAB em São Paulo. No final de 2022 após residência artística em Épecuen – Argentina produz obras com tecidos costurados, recortados e remontados sobre talagarça, resultando na exposição individual “Existir, Girar, Resistir”, onde expõe as obras realizadas durante a residência artística e sua reverberação nas obras têxteis. Além da produção artística, atua também ministrando oficinas de práticas artísticas desde 2019.



Marina Ayra

Artista Visual graduada em Arquitetura pela FAAP e formada por diversos cursos no contexto da arte contemporânea e acompanhamentos críticos. Desde 2003, sua pesquisa se desenvolve por meio das linguagens do desenho, pintura, gravura e colagem. As camadas e transparências, tanto no sentido formal quanto metafórico, são o cerne de sua pesquisa. A construção de seus trabalhos tomam como referência objetos do cotidiano, a observação das camadas externas e profundidades na natureza. Igualmente, aborda o conceito de camada em sua definição subjetiva, remetendo-o a memórias, os sonhos e a imaginação. Em 2009 foi premiada pela FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado) com uma bolsa de residência artística na Cité Internationale des Arts, em Paris (6 meses), onde realizou duas exposições. Desde então apresenta seus trabalhos em museus, espaços culturais e galerias. Possui trabalhos em coleções particulares no Brasil e na França, e no Acervo do Museu de Arte Brasileira (MAB-FAAP), em São Paulo.



Milton Blaser

A melhor forma que encontrei pra falar da Loly foi através dos eventos marcantes da minha trajetória na Casagaleria, que vou relatar na sequência e vocês vão entender. Foi em 2017 que conheci a Loly quando estava finalizando seus estudos de doutorado estando na maior correria, porque ao mesmo tempo a Casagaleria estava a todo vapor. Foi neste momento que apresentei a ela meus trabalhos e notei a atenção com que viu e perguntou alguns detalhes de concepção e produção. Logo depois me colocou na minha primeira coletiva Novos Talentos na Casagaleria em 2018, para minha surpresa e alegria! Em 2019 sugeri a Loly a possibilidade de eu fazer uma individual ocupando toda a galeria. E novamente, para minha surpresa e felicidade ela concordou! Imediatamente comecei a trabalhar na exposição e no título tendo todo o apoio da Loly que fez o texto crítico e a curadoria. Após esta exposição chamada *Impermanências*, notei um tempo depois que a Loly estava montando uma coletiva que me interessou em participar e falei com ela à respeito. Loly disse: mas você acabou de participar de uma individual! Eu comentei: sim, é verdade, mas o tema desta coletiva é importante pra mim e gostaria muito de participar dela. Apresenta um projeto, disse a Loly. E apresentei a maquete da instalação *Isto não são linhas?* que foi aprovada imediatamente pela Loly que disse: gostei muito e vou mostrar pros outros artistas! Fiquei muito feliz e imediatamente produzi e expus nesta coletiva! Após a pandemia em 2022, antes de montar a minha segunda individual na Casagaleria *Em se pisando tudo dá* mais uma vez fui surpreendido pela generosidade da Loly: eu propus quebrar o teto da galeria em cima da instalação *Prensa* que eu iria montar, tendo quase certeza que ela não iria concordar e já estava pensando em outra solução quando Loly apenas perguntou: como você vai fazer isso? Eu respondi: com um martelo. Ok pode fazer! Não preciso dizer que saí vibrando de alegria. Dias depois, estava quebrando o teto da galeria. Com estes relatos, eu quis demonstrar como a Loly tem uma visão além do seu tempo, uma abertura para novos trabalhos e artistas, uma extrema generosidade, um dinamismo fora do comum, sempre pesquisando novas formas de agitar a galeria, estreitando laços com os artistas através de exposições, eventos, cursos e debates! São 20 anos de intenso trabalho que merecem ser comemorados. Parabéns Loly! Parabéns Casagaleria!

● Vive e trabalha em São Paulo. Graduado em Desenho e Plástica pelo Centro Universitário Belas Artes e em propaganda pela ESPM. Participei por mais de 2 anos do grupo Hermes Artes Visuais de acompanhamento de projetos com os artistas Carla Chaim, Nino Cais e Marcelo Amorim. Participei do grupo de estudos de produção de arte contemporânea com curador Paulo Miyada e o artista Pedro França no Instituto Tomie Ohtake (2017) e do ateliê de pintura de Ana Gentil (2017/18). Em 2016 participei da Clínica de Projetos do Ateliê 397 e fiz acompanhamento de projetos com a artista Regina Johas. De 2013 a 2015 trabalhei com pintura no ateliê da artista Teresa Viana. www.miltonblaser.com



Nadia Starikoff

Q

uerida Loly,

A arte do diálogo é uma força vital que conecta ideias e emoções, servindo como ponto de partida para novas obras. Nos encontros que tive com você e com todo o grupo de artistas, encontrei um laboratório dinâmico e criativo, onde cada voz traz uma perspectiva única. Essas trocas me desafiam e estimulam minha imaginação, revelando tantos outros jardins possíveis a serem elaborados.

Sou profundamente grata pelo convívio, que tem sido uma fonte constante de inspiração e enriquecimento. Cada conversa se transforma em uma oportunidade de explorar o feminino e a delicadeza que permeiam meu trabalho, desvelando novas camadas de significado.

Parabéns pelos 20 anos em que você proporciona este ambiente tão inspirador! A Casagaleria é um refúgio onde a arte floresce e se entrelaça com a vida, criando um espaço acolhedor e vibrante. Que possamos continuar a cultivar juntos essas trocas, permitindo que a arte e a beleza do diálogo floresçam sempre.

Com carinho, Nadia

● Sou Professora de Biologia e Ciências, Psicopedagoga e Arteterapeuta e Artista plástica. Planejo e ministro aulas de ciências e biologia há 29 anos. Professora de itinerários formativos do Ensino Médio (Iniciação científica, Projeto de pesquisa, Sustentabilidade, Neurociências, Projeto de Vida, Urbanismo, Narrativas Poéticas). Trabalhei 12 anos no Colégio Sidarta, onde desenvolvi e acompanhei diversos projetos na área das Ciências da Natureza desenvolvido pela Escola do Futuro (USP). Desenvolvi durante 5 anos projetos integradores na Escola Lourenço Castanho, participando e organizando o ICLOC. Desenvolvi e implantei projetos na área propondo aulas investigativas sob orientação de Ana Maria Pessoa de Carvalho, além de projetos com metodologias ativas, atividades Maker e projetos STEAM. Desenvolvi projetos para formação de educadores nas competências socioemocionais: Por que falar sobre luto na escola? Cursei a especialização em Arteterapia no Instituto Sedes Sapientiae. Voluntária no Instituto Unidown. Arteterapeuta há 10 anos no Espaço Arte CASULO.



Otávio Zani

Conheci a Casa Galeria através do meu amigo e artista Azeite de Leos, que me apresentou à sua fundadora, Loly Demercian. Desde o início de nossas conversas, sempre fiquei admirado com o comprometimento com a pesquisa teórica e abertura para a experimentação, de forma incondicional.

A Casa Galeria era vizinha do Ateliê Fidalga, espaço que tive meu ateliê entre 2016 e 2023. Não demorou muito, realizei uma exposição individual na galeria em 2020. Era ano de pandemia. No entanto, Loly insistiu na ideia e, mesmo sem vernissage, conseguimos realizar um formato virtual que viabilizasse a visitação da exposição.

Sou muito grato a generosidade da Loly, que sempre me acolheu e acredita na minha pesquisa. Parabéns à Casa Galeria pelos seus 20 anos e desejo vida longa para esse fundamental espaço de arte e a cultura na cidade de São Paulo, sempre aberto a novas ideias experimentais e que consegue unir esse espírito à pesquisa acadêmica de qualidade.

● Otávio nasceu em 1980, em São Paulo. Formado em Ciências Sociais pela FFLCH USP, desenvolveu uma forte conexão com questões culturais derivadas da antropologia. Assim, os temas de seus projetos artísticos giram em torno de suas origens, a trajetória da vida, a passagem do tempo que se afasta do cotidiano, e a memória intangível com suas falhas e lacunas, por onde penetram a criação, a invenção e o constante exercício de um olhar crítico em relação à sociedade.

O ano de 2005, aos 25 anos, marcou o início de sua trajetória no campo artístico, quando passou a integrar os coletivos Ateliê Espaço Coringa e, posteriormente, Casa Tijolo. Esses grupos realizaram exposições em diversas cidades do Brasil. Mais tarde, Otávio expôs no Atelier Press Papier em Trois-Rivières, Canadá, representando o coletivo Espaço Coringa em uma exposição individual. Em 2010, apresentou suas obras na exposição coletiva "Travesía" na Casa Simón Bolívar, em Havana, Cuba, e, em 2019, na mostra "Xilo, Corpo e Paisagem" no SESC São Paulo.

O artista participou de projetos educativos das 29ª e 30ª Bienais Internacionais de São Paulo, lecionou xilogravura no Instituto Tomie Ohtake (2008 e 2012) e artes visuais no projeto artístico-pedagógico "Fábricas de Cultura" e em projetos artístico-culturais no SESC São Paulo (entre 2005 e 2019).



Pagô

A

rtista multidisciplinar - 28 anos - residente em São Paulo/SP

Bacharel em Fotografia.

Investigo o desenvolvimento e importância do 'Processo Artístico', encarando-o como parte essencial, assim como a obra final. Através de diversas técnicas e estruturas, criando; quadros, esculturas, zines, roupas, acessórios, colagens, textualidades e processos fotográficos históricos (Cianótipo).

Questiono através da minha arte, minhas diversas vivências, muitas delas esbarram em questões sobre a feminilidade (corpo e sociedade), ocultismo e espiritualidade, negritude, vivências coletivas e individuais, investigações por meio abstrato, cinema, música, moda, comportamento, natureza, entre outros.

Como mulher & preta no mundo da arte, espera-se um discurso e uma estética específica, que muitas vezes é estereotipada, e empurrada como única permitida a ser discutida para artistas como eu, por isso, parte do meu trabalho é poder ampliar e multiplicar tanto as temáticas quanto às estéticas, com as minhas referências e pesquisas, desenvolver trabalhos que possuem discursos relacionados a mim, aos meus gostos e aos meus questionamentos, independente das pré-concepções.



Pinkpeter

Pinkpeter é Pedro Rosa, artista visual multidisciplinar, pintor tradicional e digital, animador premiado, tatuador autoral e contador de histórias. Morador de São Paulo, não abre mão de percorrer grandes distâncias a pé e observar pela milésima vez com surpresa os detalhes mais corriqueiros da cidade e como cada pessoa interage com eles.

Fez carreira no audiovisual, onde trabalhou em longa metragem animado premiado, série animada e projetos publicitários durante cinco anos, mas se dedica à arte autoral desde 2019 através da tatuagem, pintura tradicional e digital e na produção das suas próprias obras audiovisuais. Pesquisa o subconsciente, a solidão e a atrapalhada vida adulta dentro de uma narrativa tragicômica que causa forte identificação com quem observa sua obra.



Raphaëlle Faure - Vincent

Raphaëlle Faure-Vicent fez Mestrado em 2009 (Diplôme National Supérieur d'Expression Plastique) na Escola de Belas Artes de Annecy (França). Durante sua graduação, ganhou uma bolsa de estudos "Explora" que permitiu desenvolver uma pesquisa sobre intervenção urbana por 3 meses no Brasil em 2008.

Em 2011 participou da residência artística da FAAP. Foi a partir daí que a artista se mudou definitivamente para São Paulo e participa desde então de diversas exposições. Teve a oportunidade de participar do projeto "Linha da Cultura, arte no metrô" em 2012 na Estação Trianon MASP. Passou no concurso de arte Impressa do Goethe-Institut em Porto Alegre em 2016. Participou de exposições coletivas no Brasil e também na França. Já realizou 2 exposições individuais em São Paulo, uma delas na Casagaleria e oficina

de Arte com o projeto "O centro nada retém" em 2018.

Tem uma prática multidisciplinar que vai da escultura à realização de intervenções específicas à arte impressa, caracterizada pelo um forte apelo à cidade e ao grafismo urbano. Desde 2012 é membro do Atelier Piratininga onde, além de participar da organização das ações do coletivo, desenvolve um trabalho em fotogravura.



Regis Ribeiro

Nascido em 1972 em São Caetano do Sul/SP, onde vive e trabalha atualmente Artista Visual, Arte Educador, Graduado em Licenciatura em Artes Visuais Tem como produção e pesquisa a memória material e imaterial, a permeabilidade do tempo e espaço, a sustentabilidade e métodos que envolvem o processo de construção dos trabalhos Entre as principais exposições destacam-se *Individuais:*

2024, Além do olhar curadoria Icaro Ferraz Vidal Jr Lei Paulo Gustavo Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul SP 2023. Exposição Espaço Permeável Ateliê e Espaço cultural Natureza. Impressão Santo André SP, 2019 Retina Regis Ribeiro Fundação Pro Memória Pinacoteca de São Caetano do Sul SP, 2018, 300 gramas, Regis Ribeiro Sesc São Caetano SP

Coletivas:

2024, Legado, aquisições em um acervo em movimento Pinacote Municipal São Caetano do Sul SP. 2023, As formas simbólicas da Terra Fundação Pró Memória São Caetano SP. 2021, AR Acervo Rotativo Oficina Oswald de Andrade SP. 2019, Urbano Mostra Contemporânea Fundação das Artes São Caetano, 2019, Exposição 50 Anos Pinacoteca de São Caetano SP. 2018, Didática Constante Centro Cultural do Alumínio São Paulo SP. 2016, 15º Salão de Arte Contemporânea de Guarulhos SP 2016 44 Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto SP

Publicação:

2021 - Estares Coletânea de poemas de José Ignacio Mendes e Monotípias da série campos invíveis

Acervos:

MAC Museu de Arte Contemporânea RS, Museu da Xilogravura Campos do Jordão SP, Centro Cultural do Alumínio SP, AR Acervo Rotativo, Pinacoteca Municipal São Caetano e Coleções Privadas



Rodrigo Gontijo

0 ano era 2005. O ponto cartográfico, a Casagaleria. Lá estava eu como um jovem repórter, vinte anos atrás, entrevistando Loly Demercian. E mal sabia, que muitos anos depois, nossos caminhos voltariam a se cruzar.

A Casagaleria é Loly Demercian. Falar de uma é falar da outra. E foi lá, em 2018, que depois de uma trajetória no campo das performances audiovisuais, que, à convite de Loly Demercian, meus trabalhos começaram a sair das telas e habitar o espaço expositivo.

Loly-Casa-Demercian-Galeria é afeto, é aprendizado, é troca, é lugar de encontros potentes. Loly acredita, incentiva, realiza. Lá fiz instalações com 1.000 tomadas, 100kg de terra, dormentes de trilhos de trem. Atravessamos uma pandemia com uma exposição coletiva híbrida. E foi lá que aconteceu minha primeira individual.

Que venham outros 20 anos e sigamos juntos pelo caminho do sensível!

Vida longa à Casagaleria!

● Rodrigo Gontijo é artista, curador e professor na Universidade Estadual de Maringá. É doutor e mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes da UNICAMP e bacharel em Comunicação e Multimeios pela PUC-SP. É autor de artigos e capítulos de livros sobre cinema experimental, filme-ensaio e cinema expandido. Desenvolve projetos artísticos de cinema ao vivo (pré-cinema e pós-cinema), performances e instalações audiovisuais.



Simone Fonseca

Eu conheci a Casagaleria visitando as exposições de dois amigos. Nessa ocasião frequentávamos o mesmo grupo de estudos de arte no Instituto Tomie Ohtake. Tive a oportunidade de apresentar o meu portfólio neste respeitado espaço e me tornei assim, com muito orgulho, artista representada por esta galeria.

● Simone Fonseca nasceu em Minas Gerais em 10 de julho de 1955. Viveu em Belo Horizonte até 1970, quando se mudou para São Paulo acompanhando a família. Vive e trabalha em São Paulo desde então. Trabalhou como professora de Desenho e Educação Artística no ensino particular. Participou até meados de 2014 do PIGMENTO (grupo de pintura contemporânea), formado e lançado em outubro 2011 com uma exposição de abertura no INSTITUTO RUDOLPH STEINER/SP, curadoria de Marcelo Salles e Márcia Gadioli da Casa Contemporânea/SP.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Fundação Armando Álvares Penteado - Licenciatura em Educação Artística (especialização em Desenho).

Frequenta o ateliê do Instituto Tomie Ohtake desde 2006 - curso: Pintura e reflexão - orientador: Paulo Pasta

2005 (USP): gravura em metal

1993- (SENAC): Decoração de Interiores (1 ano) e Serigrafia

Alguns mestres, em especial, foram marcantes na formação da artista, como Paulo Pasta e Julio Plaza que ela cita como os mais relevantes. Contribuíram também Regina Silveira, Dayse Peccinini, Donato Ferrari e outros.



Sueli Rojas

É com muito orgulho que digo ter participado da exposição inaugural da Casagaleria em 2004, e participar da Coletiva de 20 anos em 2024! A Casagaleria sempre foi um lugar gestor de arte, por inúmeras fontes: livros, palestras, debates, aulas, diálogos com artistas, encontros, exposições, incentivos e inspirações, subsídios para criação artística, uma verdadeira casa de arte, minha casa de contato com a criatividade, sou designer gráfico, e poder contar com uma porta aberta para o mundo de conexões artísticas, filosóficas, fez toda diferença para o meu trabalho, e continua fazendo toda diferença, essa cultura artística que tive (e tenho) nesses 20 anos, foi imprescindível para refinamento do meu olhar! Obrigada Loly, minha irmã, pelo “aroma de arte” no ar, por me lembrar que sou artista e pegar no meu pé para sê-lo, valeu por tudo e por tanto! Bravo Casagaleria!

● É ilustradora e designer gráfica por profissão, atuando em agências de propaganda de 1980 até 1987 e em editoras (Abril, Ática, Nobel, Folha de São Paulo, O estado de São Paulo e Editora QD) de revistas e livros (Nobel) de 1988 até hoje e com a Produtora de eventos Estima de 2010 até hoje. Lecionou designer gráfico na escola Panamericana de arte (EPA) de 1993 até 2001. É artista plástica por pura paixão, nasceu assim, com os olhos e o coração abertos para a arte. Estudou com os artistas, Braz Uzuelli, José Spaniol (Têmpera), André Ricardo (Sesc) e filosofia da arte com Rubens Espírito Santo. Desde 1983, participa de mostras coletivas e individuais em espaços alternativos e tradicionais no Estado de São Paulo e uma exposição coletiva em Florença, Museo Uffizi (1984)



Vitor Mazon

Vitor Mazon, Formação Acadêmica
2011 - 2012 | Master em Fotojornalismo (Speos)
2007 - 2010 | Graduação em Jornalismo (Universidade Metodista de São Paulo)
Exposições Individuais
2022, Sarrafo, Galeria Zipper, São Paulo
Exposições Coletivas e Festivais
2021, Poéticas Possíveis, Paralela Eixo, online
2021, Voices of Earth, Art from the Heart, online
2021, Mostra Museu, Arte na Quarentena, online
2021, Maré Foto Festival, online
2020, Festival de Fotografia de Paranapiacaba, online
Publicações
2022, Revista A Casa - Fotografia Experimental
2021, Revista Têmpera #9
2021, Lint Magazine 1
Cursos e Grupos de Estudo
2022, Grupo de Estudos, Andre Penteado
2020 - 2022, Repertório, Edição e Curadoria, Eder Chiodetto



Fernanda Montenegro

Iniciou sua jornada na fotografia em 2015, logo após se formar em jornalismo. Movida pelo desejo de realizar seu maior sonho, ela decidiu dedicar-se integralmente à FOTOGRAFIA.

Ao longo de sua trajetória, enfrentou diversos desafios, vivenciou alegrias, conquistas e algumas decepções. Cada experiência trouxe aprendizados valiosos, tanto no âmbito profissional quanto no pessoal.

Apaixonada pelo que faz e sempre em busca de novos conhecimentos, Fernanda é uma profissional dedicada, comprometida em oferecer o seu melhor através de seu trabalho fotográfico.

Além de sua atuação na fotografia, Fernanda também se especializou em captação e edição de vídeos e em design gráfico, habilidades que complementam e enriquecem ainda mais o seu portfólio.

Sua paixão pela profissão se reflete na entrega total aos clientes, pautada por princípios éticos, compromisso e transparência em todas as etapas do processo — do primeiro contato até a entrega final.

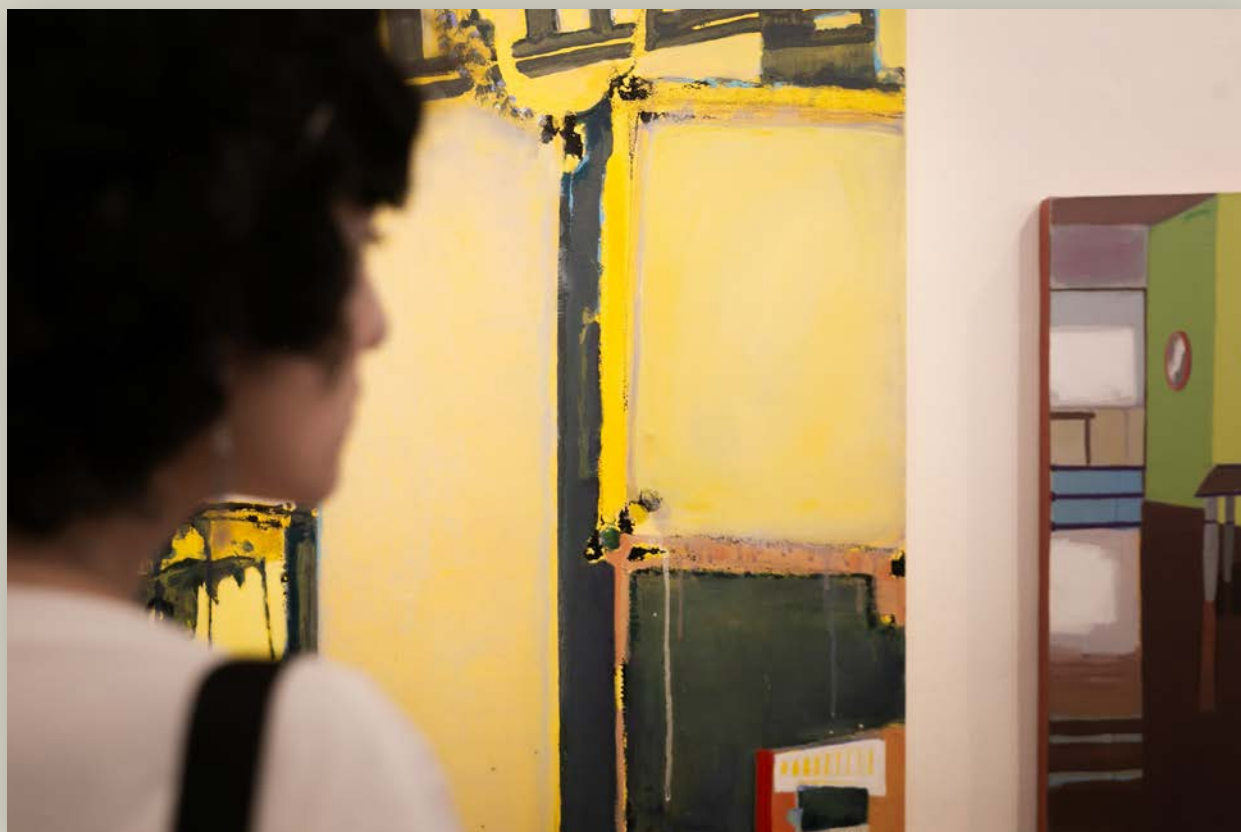
Fernanda Montenegro realiza seu trabalho com carinho e dedicação, sempre buscando capturar momentos únicos e especiais. Ela espera que as pessoas apreciem o resultado de seu esforço e, quem sabe, se encontrem por meio de suas lentes em breve.





fotos da exposição:
Coletiva Casagaleria: a resistência
20 anos

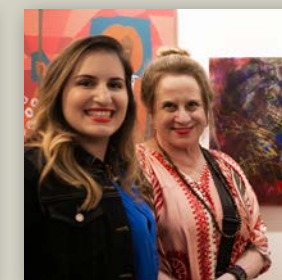








Artistas na abertura



E X P O S I Ç Ã O

E a memória insiste

Leila Reinert

E A MEMÓRIA INSISTE...

E A MEMÓRIA INSISTE...

Curadoria Loly Demercian / Abertura 19 de novembro às 14h /

Alameda Nothmann, 1058 - Campos Elíseos, São Paulo-SP - Exposição de 21 novembro/ 2022 até 8 de janeiro / 2023,
horário de funcionamento: de terça a domingo das 14h às 19h

Apoio:

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Produção e Realização:

CASAGALERIA
OFICINA DE ARTE
LOLY DEMERCIAN